

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
CAMPUS V - CAJAZEIRAS - PB  
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO

Cajazeiras - PB  
1995

**EQUIPE :** Andréa Uchôa de Lima  
Adriana de Araújo  
Maria de Lourdes Dantas do N. Maciel

## **PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO**

Monografia realizada para conclusão do curso de Graduação em Pedagogia - Supervisão Escolar - do Centro de Formação de Professores - Campus V - Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Professora Maria Alcides Pinto de Macêdo.

Cajazeiras - PB  
1995

" é impossível pensar em planejar participativamente em uma instituição de educação escolar, de forma eficiente e eficaz, sem um conhecimento mais profundo da realidade sócio-político-econômico-religioso e seus mecanismos de sustentação ".

(IGNEZ CUNHA)

" Se tú tivesses acreditado na minha brincadeira de dizer verdades, teria ouvido verdades que teimo em dizer brincando. As vezes pareço palhaço, mas nunca desacriditei da platéia que sorria ".

(Charles Chaplin)

**Nossos Agradecimentos**

A DEUS,

Por permitir chegarmos até aqui após ultrapassarmos os obstáculos e vencermos as dificuldades que enfrentamos durante a nossa caminhada, onde sentimos a sua presença a nos confortar e dar esperança de ir sempre adiante. Em Você se confirma a grande verdade.

" O amor não pode ser definido. É ele que define toda a nossa existência... "

Aos nossos PAIS, ESPOSO, FILHOS, IRMÃOS E AMIGOS,

Pelo sacrifício silencioso, pela palavra amiga e pelo estímulo a toda prova ...

Às Diretoras ANTONILDA DE ALMEIDA, MARINEZ BARBOSA e DIONÍZIA das Escolas Comandante Vital, Luiz Car - taxo Rolim e Antônio Dias, respectivamente, professores, alunos e funcionários,

Um obrigado pela cordialidade com que nos acolheram. Nosso profundo respeito e reconhecimento.

## SUMÁRIO

Introdução .....	01
Justificativa .....	02
Desenvolvimento .....	03
Metodologia .....	07
Conclusão .....	09
Bibliografia .....	10
Anexos .....	11

## INTRODUÇÃO

A proposta básica do nosso trabalho, após refletir práticas de planejamento participativo, vivenciadas por pessoas envolvidas no processo, é de oferecer contribuições provindas das nossas experiências, visando intensificar o desenvolvimento de ações cooperativas em relação ao processo participativo, sistematizando as informações obtidas em um conjunto orgânico, a fim de que esse material possa servir de subsídio às escolas que desejam trabalhar nessa linha.

O que se quer? IGNEZ CUNHA responde: "É preciso ter presente, bem visível, o horizonte que se pretende atingir e planejar a escola a partir e em função deste horizonte e desta utopia".

Trata-se de uma maneira de decidir e de agir a fim de tentar uma saída para a difícil situação em que se encontra a educação formal. Apesar dos riscos, tem-se a convicção de que a escola é um lugar possível de educação consciente, crítica, criativa e participativa. Concretizamos nossas experiências durante e estágio supervisionados em Supervisão Escolar, nas Escolas Comandante Vital, Escola de 10. Grau Luiz Cartaxo Rolim e Antônio Dias (objeto de nossas práticas e experiências), situadas na Avenida Comandante Vital Rolim, s/n, Sítio Cocos e Rua José Pedro Quirino, s/n, Cajazeiras/PB.

Trabalhamos dentro do planejamento participativo com os professores de 1a. a 4a. Série da 1a. fase do 10. grau compreendendo como processo de ação participativa grupal com "pessoas politicamente interagindo em função das necessidades, interesses e objetivos comuns."

Na asserção da ELAP, (1977, Anexo I, no. 27), "O homem que assume o planejamento situa-se na mística do escultor a realidade e de ser fiel à resposta pessoal e comunitária, constituindo-se, assim, em um processo de conversão e compromisso pessoal e comunitário, a partir da realidade."

Diante da realidade das escolas sentimos que o processo de planejamento do ensino precisa ser repensado. A vivência do cotidiano durante nosso estágio, nos evidenciou situações bastante questionáveis nesse sentido. Percebemos de início, que os objetivos educacionais propostos, apresentavam-se confusos e desvinculados da realidade social. Os conteúdos eram trabalhados e definidos de forma autoritária, pois os professores, via de regra, não participavam em conjunto dessa tarefa. Nestas condições os conteúdos mostravam-se sem elos significativos com as experiências de vida dos alunos, seus interesses e necessidades.

Numa perspectiva crítica de educação nossa proposta teve como fundamento, trabalhar os princípios de planejamento participativo, já que essa forma de ação, implica uma convivência de pessoas que discutem, decidem, executam e avaliam atividades propostas coletivamente.



JUSTIFICATIVA

O objetivo de trabalhar a prática do planejamento participativo, brotou da necessidade do grupo em vivenciar e proporcionar maior envolvimento na ação educativa, levando em conta apresentar propostas concretas, eficazes e renovadoras, em instituições de educação formal que assumiram uma ação educativa, aliada ao ensino sistematizado.

Para efetivação da nossa proposta enfrentamos no dia a dia situações que exigiam perseverança e confiabilidade no nosso trabalho. No momento em que a realidade ia se concretizando e se tornando mais complexa fomos obrigados a uma maior sistematização de pensamento e de ação, aprofundando e levantando questões sobre o assunto, com o intuito de conhecer melhor as escolas e o trabalho dos professores, na tentativa de atingir nossos objetivos.

DESENVOLVIMENTO

O planejamento tem a difícil função de organizar a ação sem ferir a liberdade e a riqueza dos participantes de um grupo. No planejamento participativo, o que se coloca como imperativo é a participação efetiva das pessoas, não apenas a nível de execução das ações, mas também nas decisões e na avaliação, que são os três momentos do processo. Conforme afirma GANDIN (1986):

"O fundamento (...) é colocar as pessoas como grupo e decidir seus rumos, sob uma coordenação, num processo em que cada estágio que se alcança seja assumido por todos como algo que mereça esforço de todos e, ao mesmo tempo, seja considerado provisório, devendo, por isso mesmo, ser ultrapassado por estágios superiores".

Tratando-se das escolas onde desenvolvemos o nosso estágio deu-se para perceber que na maioria das vezes, o planejamento ocorria formalmente, sem nenhuma influência verbal sobre as decisões que verdadeiramente importavam.

Com base nas nossas perspectivas de trabalho aos poucos fomos proporcionando uma compreensão mais ampla sobre planejamento participativo, levando-se em conta o entendimento explicitado na opção de pessoa, educação e sociedade.

Mantivemo-nos coerentes, solicitando sempre aspectos que nos pareciam necessários para o entendimento de metodologias e processos de planejamento, visando sempre integrar escola, família e comunidade. Em outras palavras, presença ativa e criativa na elaboração, execução e avaliação, isto é, na decisão e no fazer do planejamento.

Durante a execução dos nossos planejamentos alertávamos os professores para as três questões essenciais a serem feitas e continuamente colocadas de forma dialética num processo de planejamento participativo.

- " - O que queríamos alcançar?
- A que distância estamos daquilo que queremos alcançar?
- O que faríamos concretamente (em tal prazo) para diminuir essa distância? " (1)

Na maioria das vezes os professores não queriam fazer os planejamentos repetindo tarefas bem limitadas, prestabelecendo sempre aos alunos atividades educacionais encerradas em si, sem visão sobre a vida, sobre a sociedade ou sobre os fins do próprio fazer educacional.

Ao atentarmos o por que da nossa proposta aos poucos foi-se dando o envolvimento ativo dos educadores através de suas

---

(1) GANDIN, Danilo, op. Cit., p.20.

participações nos planejamentos e nas atividades que realizamos nas escolas.

Dado nosso primeiro passo, percebemos que a nossa proposta foi acatada, passando a assumir um caráter revolucionário e conflitante, eliminando a divisão das pessoas entre as que só decidem e as que só executam, possibilitando uma busca conjunta das alternativas mais adequadas e variáveis para os problemas em questão, na qual o planejamento deixou de ser uma tarefa estritamente burocrática para se tornar um "processo" de interesse coletivo. Para ANDREOLA (1983):

" O grupo é um rio que se torna força produtiva quando o homem sabe aproveitar sua potencialidade. O grupo como o rio, orientado construtivamente, é de grande valor no que se refere ao enriquecimento pessoal e a transformação social ".

Como os nossos planejamentos ocorriam semanalmente e quinzenalmente nas escolas achamos por bem em comum acordo, realizar planejamentos que de fato viesse suprir as necessidades dos educando, não realizando somente atividades preocupadas com a leitura e a escrita, mas atividades que despertasse o sendo crítico, aproveitando os assuntos estudados: o corpo humano, plantas e animais. Achamos por bem realizar a semana de ciências, acatando uma proposta da supervisora da Escola Municipal de Rio. Grau Luiz Cartaxo Rolim, já que a dias se havia planejamento mas não tinha sido levado à prática.

Uma das primeiras etapas foi a de elaborarmos o roteiro, vide anexo, da Semana e de acordo com ele elaborarmos as atividades.

Concluída as atividades começamos a colocá-las em prática. Foi uma experiência muito rica, dava-se para ver e perceber a satisfação das crianças em participar das reuniões, do filme que foi exibido, das experiências e da confecção dos cartazes e dos albuns seriados.

A escola parecia estar em festa, era muita agitação, mas o mais importante foi a sensação de ver todo grupo, trabalhando junto. Apesar das dificuldades que tivemos em colher o material e a escassez de material didático nas escolas, não impediu-nos de levarmos o nosso trabalho adiante. Encontramos nas palavras de MENEGOLLA e SANT'ANNA (1991), a confirmação de que:

" O processo educativo se baseia numa metodologia ativa, ou seja, no "aprender fazendo". A participação dos elementos envolvidos no projeto oportuniza integração que favorece o crescimento individual e grupal, além de permitir uma consciência crítica capaz de propor reais soluções ".

Encerramos a semana com uma palestra sobre higiene pes-

soal e a exposição dos cartazes e dos albuns confeccionados pelas crianças.

Tivemos a presença do integrantes da escola, dos pais e de membros da Secretaria da Saúde responsáveis pela palestra.

Após o encerramento, reunimo-nos com as professoras e aproveitamos o planejamento para avaliar a Semana. Para nossa surpresa os professores elogiaram a idéia e sugeriram continuar o nosso trabalho realizando uma Semana de Português.

Para DEMO (1987) "avaliar qualitativamente se relaciona com a qualidade do que está sendo avaliado. Por exemplo, procura verificar a dimensão participativa, se é substantiva; se realmente a participação das pessoas, como está o envolvimento do grupo, se existe presença engajada, se a autodeterminação é manifesta, quais os valores vivenciados pelo grupo. Trata-se ainda de como se dar a superação das dificuldades e das crises. Qual a criatividade nas ações e soluções."

Depois do sucesso obtido com a Escola Luiz Cartaxo Rolim, levamos a nossa proposta para as outras escolas: Comandante Vital Rolim e Escola Municipal de 10. Grau Antônio Dias. Após as professoras verem os nossos trabalhos, acharam por bem realizar o mesmo trabalho. O sucesso foi o mesmo, encontramos as mesmas dificuldades mas devido a nossa persistência, conseguimos atingir o nosso objetivo, de realizar o mesmo trabalho em três escolas diferentes, fazendo planejamento participativo fluir através de conquistas obtidas de forma segura e eficaz.

Enquanto elaborávamos o roteiro da Semana de Português, os próximos planejamentos eram efetuados trabalhando somente as disciplinas de Estudos Sociais e Matemática, já que a nossa proposta era trabalhar as disciplinas e ao mesmo tempo reforçar todos os assuntos já estudados.

Para obtermos um maior controle sempre que efetivávamos os planejamentos nas escolas, elaborávamos textos (vide anexo) que transmitisse aos professores que o ensino não é apenas um ato de transmitir conhecimentos, mas um processo de capacitar os alunos numa perspectiva teórico-prática para resolverem problemas detectados na prática social.

Partindo das observações e das sugestões acatadas nos planejamentos que vínhamos fazendo elaboramos o roteiro da Semana de Português. As atividades (vide anexo) foram elaboradas de acordo com as deficiências dos alunos no ato de ler e escrever, assimilando num contexto mais amplo, despertando nas crianças curiosidade, originalidade, autoconfiança e imaginação.

As mesmas dificuldades que tivemos com a realização da Semana de Ciências encontramos na Semana de Português, a falta de

material na escola e o pouco tempo que restava foi o que mais pesou. É tanto que a Semana de Português foi realizada somente na Escola Municipal de Jo. Grau Luiz Cartaxo Rolim, deixando para as demais apenas a proposta firmada. Mas mesmo assim as experiências foram ótimas e melhor ainda foi o retorno que tivemos.

## METODOLOGIA



Depois de firmar a nossa proposta de trabalhar com planejamento participativo, fomos encaminhadas pela nossa orientadora Maria Alcides às Escolas já definidas pelo grupo.

Nosso trabalho desenvolveu-se em duas escolas da rede municipal de ensino: Escola Municipal de 1o. Grau Luiz Cartaxo Rolim, Escola Municipal de 1o. Grau Antônio Dias e uma escola da rede estadual de ensino Comandante Vital, no período de Agosto a Novembro do corrente ano.

Demos início ao nosso estágio realizando algumas visitas às escolas com o intuito de apresentar a nossa proposta e ficar conhecendo melhor a realidade a qual iríamos trabalhar. Para isto aplicamos um questionário com os professores, que constava de 07 perguntas, as quais foram entregues diretamente aos professores acompanhadas de orientação técnica quanto a natureza das perguntas sem que a nossa fala interferisse nas suas respostas ou direcionasse os questionamentos (vide anexo).

Para facilitar o nosso trabalho nas escolas, recebemos um rico embasamento teórico da nossa orientadora, que nos foi transmitido de forma clara e precisa, através de textos que falavam acerca do assunto.

Na medida em que ia acontecendo os planejamentos nas escolas, era desenvolvido também em sala de aula seminários apresentados pelos próprios alunos, com distribuição de textos, cartazes e técnicas. Os temas (vide anexo) eram todos sobre planejamento:

- . Planejamento: fundamentos e etapas
- . Objetivos educacionais
- . Procedimentos de ensino
- . Avaliação
- . Livro Didático
- . Avaliação e aprendizagem

As várias maneiras como foram apresentados os seminários auxiliaram e provocaram nos grupos, a elevação de ânimo e o entusiasmo em relação a vivência nas escolas.

Desenvolvemos os nossos planejamentos nas escolas, trabalhando com textos (vide anexo), que foram elaborados de acordo com as necessidades dos educadores e dos educandos, procurando passar da melhor maneira possível os conteúdos elaborados:

- . O plano na sala de aula
- . Planejamento participativo
- . Os professores e o planejamento
- . Avaliação e como se elabora testes de conhecimento
- . A sala de aula
- . Recursos para atividades docentes.

Foi desenvolvido também a Semana de Ciência e Português, onde foram elaborados roteiros (vide anexo) que atendem de fato as necessidades dos educandos onde foram empregadas metodologias ativas e participativas que possibilitaram a livre expressão, aproveitando tudo que a criança trazia e realizava.

## CONCLUSÃO

A maneira de como foi trabalhado a prática do planejamento participativo tanto nas escolas como em sala de aula, possibilitou ao grupo um conhecimento da realidade vivida na rede educacional e nas soluções que se buscam para mudanças.

A vivência do cotidiano nas escolas nos evidenciou situações bastantes questionáveis, haja visto que o planejamento do ensino tem se apresentado como desvinculado da realidade social, pouco contribuindo para elevação da qualidade da ação pedagógica desenvolvida no âmbito escolar.

Sob essa perspectiva, cresceu em nós a necessidade de uma proposta global que envolvesse a todos não como meros "cumpridores" de programas e determinações prestabelecidas. Mais como agentes de uma busca constante onde cada um se sentisse responsável na construção da história.

De acordo com a CELAM " Educação é, efetivamente o meio chave para libertar os povos de toda a escravidão e para fazê-los ascender as condições de vida menos humanas para condições mais humanas, contando que o homem é o responsável e o artífice principal do seu êxito ou do seu fracasso ".

É preciso planejar uma educação que pelo seu processo dinâmico, possa ser criadora e libertadora do homem. Planejar uma educação que não limite, mas que liberte, que conscientize e comprometa o homem diante do seu mundo. Este é o teor que se deve inserir em qualquer planejamento educacional, ou seja, um planejamento que se preocupe em desenvolver nos indivíduos a revitalização pessoal, os direitos, as responsabilidades e o comprometimento para consigo e com os outros.

A prática do planejamento participativo, além de eliminar a divisão das pessoas entre as que só decidem e as que só executam, ajudam a entender que a realidade social pode ser uma construção conjunta, quer no momento em que se decide o que fazer, quer quando se executa o que por todos foi decidido.

Difícilmente poderemos contribuir para a concretização do ideal de uma democracia participativa, se a práxis participativa e a educação para a participação não se desenvolveram e se ampliaram nas instituições e grupos, em que atuamos.

Em síntese, na efetivação dessa forma de planejamento é importante que se ressaltem suas principais diretrizes: - a ação de planejar implica a participação ativa de todos os elementos envolvidos no processo de ensino; - deve priorizar a busca da humanidade entre a teoria e prática; - o planejamento deve partir da realidade concreta (aluno, escola, contexto social...); deve estar voltado para atingir o fim mais amplo da educação.

**BIBLIOGRAFIA**

- ANDREOLA, Balduino A. Dinâmica de grupo: jogo da vida e didática do futuro. Petrópolis: Vozes, 1991.
- CALAZANS, Julieta C. Maria. "A descentralização que vem do centro". Revista educação municipal. São Paulo : Cortez, 1988.
- CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano). A evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões de Puebla. São Paulo: Loyola, 1979.
- DALMÁS, Angelo. Planejamento na escola. São Paulo: Vozes, 2 ed.
- DEMO, Pedro. Avaliação qualitativa. São Paulo: Cortez , 1987.
- ELAP (Equipe Latino-Americana de Planejamento). Seminário de planejamento. Porto Alegre: 1977.
- GANDIN, Danilo. Planejamento como prática educativa. São Paulo: Loyola, 1983.
- MENEGOLLA, Maximiliano & SANT'ANNA, Ilza Martins. Por que planejar? Como planejar? São Paulo: Vozes, 1981.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
CAMPUS V - CAJAZEIRAS - PARAIBA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO: PEDAGOGIA - PERÍODO VII  
DISCIPLINA: ESTÁGIO SUPERVISIONADO  
PROFESSORA: MARIA ALCIDES

PROJETO CIENTÍFICO

EQUIPE:  
ADRIANA DE ARAÚJO  
ANDRÉA UCHÔA  
MARIA DE LOURDES D. NASCIMENTO

CAJAZEIRAS, 03 DE OUTUBRO DE 1995



**PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO**

## SUMÁRIO

I - TÍTULO.....	01
II - JUSTIFICATIVA.....	02
III- OBJETIVOS.....	03
IV - METODOLOGIAS.....	04
V - CRONOGRAMA DE ATIVIDADES.....	05
VI - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	06
VII- BIBLIOGRAFIA.....	11

## JUSTIFICATIVA

Diante da realidade de algumas unidades escolares, detectamos que o planejamento está um tanto defasado, ou seja, estático, ficando este servindo apenas de cópias e repasses.

A partir de tal realidade vivenciada em nossas escolas, sentimos a extrema necessidade de aprofundarmos no estudo de planejamento, devido ser uma das atividades primordiais da supervisão escolar.

Para um bom desempenho de um bom supervisor, ele deve atuar e conhecer a fundo o planejamento, ou seja, "como planejar." Nós futuros supervisores precisamos contribuir para a transformação da escola, onde o planejamento é pura utopia. Precisamos ser semeadores de uma semente que venha despertar a conscientização do compromisso de uma sociedade participativa, onde o planejamento saia dos muros da escola adentre de mãos dadas com a comunidade na qual ela está inserida.

O planejamento participativo vai surgir no auge das necessidades, sofridas pela realidade de uma sociedade. Precisamos porém de um trabalho sutil, conquistas a longo prazo, estudos com o corpo docente sobre os tipos de planejamento, procurando melhores formas possíveis de incentivá-los ao planejamento participativo.

Como futuros supervisores, prestes a concluir procuraremos levar da melhor maneira, o pouco do que nós aprendemos nos muros da universidade para as escolas. Nossa meta será a de trabalhar a questão educacional relacionada ao planejamento participativo, levando em consideração que a educação deve ser encarada com seriedade, e que é de fundamental importância, no compromisso de transformação da realidade.

Para eficácia e desempenho de tal proposta buscaremos a fundo raízes da comunidade e da escola inserida nesta realidade. Criar elos entre comunidade e escola é ponto fundamental para o desenvolvimento de um bom trabalho, ou seja, queremos que o corpo discente seja o alvo deste nosso trabalho, trazendo seu dia-a-dia para a sala de aula.

Outro ponto que daremos ênfase é a questão de trabalhar a leitura, pois a mesma na maioria das vezes nem é requisitada. Tal conteúdo será trabalhado diante de uma necessidade detectada em sala de aula.

Sentimos também o desinteresse dos alunos de estarem em sala de aula, é que podemos constatar como os planos estão longe de suas realidades, pois na maioria das vezes não se inovam e são meras cópias de anos anteriores, isso acontece devido os professores desconhecerem por completo os subsídios do ato de planejar.

Procuraremos em conjunto mudar metodologias, dar incentivos às aulas, dinamizando-as; levar para as escolas experiências que deram certo, para que o corpo docente confie em nosso trabalho, pois necessitamos do seu apoio, para levarmos propostas inovadoras no ato de planejar.

## OBJETIVOS

### GERAL

- Planejar a realidade a partir do contexto social na qual a escola está inserida através de questionamentos de pessoas e grupos usando simultaneamente o científico (projeto a ser desenvolvido) e a sensibilidade do real.

### ESPECIFICO

- Trabalhar o planejamento dentro de uma perspectiva progressista, tendo em vista uma conscientização do seu importante papel para o ensino-aprendizagem.

- Mostrar a importância do planejamento como instrumento de desenvolvimento intelectual e moral para os professores.

## METODOLOGIA

Partindo da própria premissa do planejamento participativo, esse trabalho é sobretudo um elemento para análise e reflexão sobre a prática do planejamento participativo nas unidades escolares: Escola Estadual de 1. grau Comandante Vital, Escola Municipal de 1. grau Luiz Cartaxo Rolim e Escola Municipal de 1. grau Antonio de Sousa Dias, trabalharemos essencialmente com os professores na tentativa de iluminar suas dúvidas e anseios sobre a prática do cotidiano no que diz respeito o ensino-aprendizagem.

Inicialmente, realizamos algumas visitas as escolas com intuito de apresentarmos nossa proposta de trabalho e conhecer a realidade a qual vamos trabalhar.

Após essa etapa, passou-se a conversas informais com os professores e a aplicação de um questionário que servirá de subsídio para melhor compreensão, da nossa proposta de trabalho.

Em seguida daremos inicio a nossa prática propriamente dita num total de quatro meses.

Os recursos metodológicos usados serão textos oferecidos pelos próprios estagiários, palestras. E reuniões com os pais, alunos e professores para discutir as deficiências dos educandos, objetivando um levantamento mais amplo e exaustivo a respeito do assunto a ser desenvolvido.

## CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

05

Atividades a desenvolver	Data
Aplicação de questionário com professores, conversa informal sobre dificuldades na aplicação dos conteúdos.	25 / 08
Estudo de texto sobre: O plano na sala de aula. A integração dos conteúdos entre as séries.	01 / 09
Estudo e debates sobre: Tipos de avaliações e como se elabora os teste de conhecimento.	08 / 09
Estudo do texto sobre: Os professores e o planejamento	14 / 09
Distribuição de textos sobre: planejamento participativo e sua metodologia.	22 / 09
Discursão acerca do tema: planejamento participativo, coleta de opiniões, sugestões e possibilidades de desenvolvimento do tema na prática.	29 / 09
Palestra com a professora Maria Alcides de Macêdo.	06 / 10
Reuniões com pais e professores, acerca dos conteúdos aplicados e as deficiências dos alunos.	13 / 10
Apresentação de materiais didáticos, de acordo com os conteúdos apresentados.	20 / 10
Avaliação dos resultados obtidos.	27 / 10

Trabalhar textos sobre: Construção eficiente e eficaz do planejamento participativo.	03 / 11
Estudo do texto sobre: Ação construtora do plano	10 / 11
Avaliação dos resultados obtidos.	17 / 11
Encerramento das atividades desenvolvidas, troca de experiências, avaliação geral das atividades desenvolvidas, pontos positivos e negativos do tema: planejamento participativo.	24 / 11

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nas últimas décadas, a preocupação dos educadores com o planejamento participativo parece ser uma constante, muito significativa, na evolução do pensamento educacional. Nas escolas, nos setores administrativos e técnicos dos sistemas escolares, tanto a nível nacional como estadual, constitui ponto de referência de maior importância. Isso porque o planejamento participativo encerra em si uma concepção filosófica-organizacional que serve de base para o funcionamento mais harmônico, rentável e produtivo de uma organização educacional.

A história do planejamento participativo no campo da educação, é curta. Apresenta no entanto, valores importantes, no que se refere à compreensão da realidade, a clareza e adequação da ação educativa, a valorização do grupo como sujeito do processo de integração e de comunhão, a superação do empirismo, a projeção pedagógica vinculada a projeção social e ao fortalecimento dos princípios da participação.

O planejamento participativo vai ajudando a compreender a realidade pela dinâmica da ação-reflexão, pelo trabalho cooperativo pela descoberta de relações não visíveis nos fatos em si, pela metodologia da interpretação dos indicadores de independência presentes nos fenômenos sociais.

Essa compreensão da realidade é elaborada a partir de cada contexto social, dos questionamentos que pessoas e grupos estão formulando, em determinado momento, usando simultaneamente o modo científico e a sensibilidade do real, que se ganha e se desenvolve, sobretudo em comunhão com as classes populares que resistem às ideologias dominantes.

No planejamento participativo o grupo aprende a: compreender a realidade global a partir da trama das relações de seu cotidiano; relacionar seus problemas e necessidades; estabelecer objetivos, em função de seus problemas; decidir as estratégias a adotar, trabalhar com incertezas na construção da solução de problemas; aceitar erros e riscos como integrantes do processo; debater; definir e assumir as decisões relativas à elaboração, execução e avaliação de seus planos, superando as relações autoritárias ou impositivas.

A prática do planejamento participativo, além de eliminar a divisão das pessoas entre as que só decidem e as que executam, ajuda a entender que a realidade social pode ser uma construção conjunta, quer no momento em que se decide o que fazer, quer quando se executa o que por todos foi decidido.

Difícilmente poderemos contribuir para a concretização do ideal de uma democracia participativa, se a práxis participativa e a educação para a participação não se desenvolverem e se aplicarem nas instituições e grupos, em que atuamos.

Em nossa experiência de planejamento participativo, apresentaremos alguns princípios de participação que sairemos fortalecidos:

1 - A participação é uma necessidade humana, e, por isso, um direito das pessoas.

2 - A participação justifica-se por si mesma e não por seus resultados.



3 - A participação é um processo de desenvolvimento da consciência crítica e de desconcentração de poder.

4 - A participação leva o grupo a apropriar-se do próprio desenvolvimento.

5 - A participação é algo que se aprende e se aperfeiçoa.

6 - A participação pode ser provocada e organizada sem que isso signifique, necessariamente manipulação.

7 - Devem ser respeitadas as diferenças individuais na forma de participar.

8 - A participação pode resolver conflitos, mas também pode gerá-los.

É preciso considerar que a participação no planejamento além de assegurar a viabilização de propostas a partir do diagnóstico, esta articulação evita a duplicação de ações e a permanência de espaços vazios, por outro lado, é importante que, para o delineamento do problema, as pessoas ou grupos que sofrem os seus efeitos sejam ouvidos e estejam representados durante todo o processo, na medida em que pode ser questionada a qualidade da participação, a partir da consideração de que o povo não está isento da alienação ao mesmo tempo que, historicamente, o saber tem sido apropriado privadamente por um reduzido grupo de intelectuais.

É preciso considerar que todos os que, de alguma forma, fazem a educação ou sofrem os seus efeitos, não obstante uma possível precariedade de qualificação, desenvolverem formas próprias de compreender, de interpretar, de participar do processo educativo.

O técnico, por sua vez, tem a posse do saber teórico, mas não a convivência com os problemas do cotidiano, o que, por sua vez, também limita sua leitura da realidade.

Daí a proposta de que, no processo de investigação e intervenção na realidade, a participação se constitua em espaço pedagógico no qual as limitações da teoria sem a prática e da prática sem teoria possam ser superadas.

No planejamento participativo o grupo aprende a enfatizar as formas de pensar, o processo de tomada de decisão, o desenvolvimento da consciência grupal, a autodirigir-se como sujeito de seu desenvolvimento e de sua história.

PINTO (1986), numa análise feita sobre o planejamento participativo, enfatiza o fato de que a consciência se expressa quase sempre de forma individual e acrescenta:

*"Para alterar as práticas ou as condutas e transformá-las em práticas coletivas é preciso que se transforme a percepção da própria realidade."* 1

Diante dessa concepção essa transformação deverá ocorrer tanto em nível ideológico para promover a passagem de práticas individuais à práticas coletivas. Como na forma de abordagem dos problemas.

1- PINTO, J.B. Planejamento Participativo. Rito ou Prática de classe? Cadernos de Planejamento Participativo, UNIJUVI.3 P.1985.

Analisando a história da educação escolar percebermos diferentes concepções do processo de planejamento de acordo com cada contexto sócio-político-econômico-cultural.

1 - A Fase do princípio prático, relacionada a tendência tradicional de educação, em que o planejamento era feito sem grande preocupação formal, basicamente pelo professor e com a preocupação de estabelecer a tarefa a ser desenvolvida em sala de aula.

2 -A Fase instrumental, relacionada a tendência tecnicista de educação, influenciada pelas teorias comportamentistas, dando-se muita ênfase ao aspecto formal, a especificação de todos os comportamentos variáveis, fazendo parte de uma ampla estratégia de expropriação do que fazer do educador e do esvaziamento da educação como força de conscientização, levando a um crescente processo de alienação e destruição da educação nacional.

3 - A Fase do planejamento participativo, fruto da resistência e da percepção de grupos de educadores que se recusavam fazer tal reprodução do sistema e foram buscando formas alternativas de fazer educação e, portanto, de planejar a educação. O saber deixou de ser considerado como propriedade de "especialistas," passando-se a valorizar a participação, o diálogo, o poder coletivo local, a formação da consciência crítica a partir da reflexão sobre a prática transformadora.

Cabará, portanto, ao grupo que deseja implantar um projeto, criar condições de participação, a mais ampla possível, não se trata pois, apenas de uma boa vontade e clareza teórica, mas de uma luta política, para o estabelecimento de condições mínimas para desencadear o processo de construção coletiva.

Se a práxis participativa e a educação para a participação não se desenvolverem e se ampliarem nas instituições e grupos em que atuamos, correremos dois riscos muito frequentes na prática de planejamento:

- Não participação - o planejamento pode ser utilizado como instrumento de dominação, um pequeno grupo planeja e decide o destino de um grande conjunto de pessoas que deverão apenas executar aquilo que foi planejado, estabelecendo um processo de desumanização, de alienação, já que o próprio do ser humano é uma unidade e não uma separação, entre o pensar e o fazer, o analisar e o decidir, o construir e o usufruir.
- Idealismo - Há tendência de valorizar as ideias em detrimento da prática e mesmo em superestimar o poder das ideias, como se bastasse uma ideia clara para que acontecesse a transformação da realidade.

É preciso planejar uma educação que pelo seu processo dinâmico, possa ser criadora e libertadora do homem. Planejar uma educação que não limite, mas que liberte, que conscientize e comprometa o homem diante do seu mundo. Este é o teor que se deve inserir em qualquer planejamento educacional, ou seja, um planejamento que se preocupe em desenvolver aos indivíduos a revitalização pessoal, os direitos, as responsabilidades e o comprometimento para consigo e com os outros.

Na prática pedagógica atual o processo de planejamento do ensino tem sido objeto de constantes indagações quanto a sua validade como efetivo instrumento de melhoria qualitativa do tra-

balho do professor. Percebe-se, de início, que os objetivos educacionais propostos nos currículos dos cursos apresentam-se confusos e desvinculados da realidade social. Os conteúdos a serem trabalhados, por sua vez, são definidos de forma autoritária, pois os professores, via de regra, não participam dessa tarefa. Nessas condições, tendem a mostrar-se sem elos significativos com as experiências de vida dos alunos, seus interesses e necessidades.

Os recursos disponíveis para o desenvolvimento do trabalho didático tendem a ser considerados como simples instrumentos de ilustração das aulas, reduzindo-se dessa forma a equipamentos e objetos muitas vezes até inadequados aos objetivos e conteúdos estudados.

A metodologia utilizada, observa-se que esta tem se caracterizado pela predominância de atividades transmissoras de conhecimento, com pouco ou nenhum espaço para a discussão e a análise crítica conteúdos. O aluno sobre essa situação tem se mostrado mais passivo do que ativo, e por decorrência, seu pensamento criativo tem sido mais bloqueado do que estimulado. A avaliação da aprendizagem, por outro lado, tem sido resumido ao ritual das provas periódicas, através das quais é verificada a quantidade de conteúdos assimilado pelo aluno.

No contexto acima descrito, observa-se que o professor assumindo sua autoridade institucional, termina por direcionar o processo ensino-aprendizagem de forma isolada dos condicionantes históricos presentes na experiência de vida dos alunos, e que o planejamento de ensino tem se apresentado de forma como desvinculado da realidade social, caracterizando-se como uma ação mecânica e burocrática do professor, pouco construindo para elevar a quantidade da ação pedagógica desenvolvida no âmbito escolar.

A partir dos desacertos observados na atual prática pedagógica em nossas escolas, sentimos que o processo de planejamento do ensino precisa ser repensado. A visão negativa desse processo demonstrada pela grande maioria dos professores não pode ser considerada como uma situação irreversível. Entendemos que o planejamento dirigido para uma ação pedagógica crítica e transformadora possibilitará maior segurança para lidar com a relação educativa que ocorre na sala de aula na escola como um todo. Nesse sentido, o planejamento adequado, bem como o seu resultado - "o bom plano de ensino" - se traduzirá pela ação pedagógica direcionada de forma a se integrar dialeticamente ao concreto do educando, buscando transformá-lo.

De acordo com SAVIANI (1984, P.9) a escola existe "para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciências), bem como o próprio acesso ao rudimentos desse saber."

Nessa concepção, a questão do planejamento do ensino não poderá ser compreendida de maneira mecânica, desvinculada das relações entre escola e realidade histórica. Em vista disso, os conteúdos a serem trabalhados através do currículo escolar precisarão estar estritamente relacionados com a experiência de vida dos alunos. Essa relação inclusive, mostra-se como condição necessária para que, ao mesmo tempo em que ocorra a transmissão de conhecimentos, proceda-se a sua reelaboração com vistas à produção de novos conhecimentos. O resultado dessa relação dialética

será a busca da aplicação dos conhecimentos aprendidos sobre a realidade no sentido de transformá-la.

Essa forma de ação implica uma convivência de pessoas que discutem, decidem, executam e avaliam atividades propostas coletivamente. A partir dessa convivência, o processo educativo passa a desenvolver mais facilmente seu papel transformador, pois, à medida que discutem, as pessoas refletem, questionam, concientizam-se de problemas coletivos e decidem-se por se engajar na luta pela melhoria de suas condições de vida.

No bojo desse estudo naturalmente configurado o universo sócio-cultural da clientela escolar, possibilitará assim a caracterização dos interesses e necessidades dos educandos para as quais a ação pedagógica estará sendo planejada. Nesse sentido, pesquisar os alunos objetivando identificar o que eles já conhecem, o que aspiram e como vivem, será uma tarefa imprescindível.

Os alunos possuem uma experiência que não poderá ser ignorada pela escola, experiência das situações de vida, das relações pessoais, bem como uma significativa multiplicidade de informações e conhecimentos embora de forma fragmentada e dispersa. SNYDERS (1974).

Dessa forma, professores e especialistas não terão que agir de modo compartimentado. O trabalho pedagógico deverá estar voltado para o engajamento permanente de todos os elementos envolvidos no processo, cada um contribuindo dentro de suas potencialidades e limitações.

Tal perspectiva, contudo exigirá uma postura docente que seja comprometido não só com o pedagógico, mas também com o social. Exigirá, pois um compromisso do professor com uma educação política e não ideológica.

Em síntese, na efetivação dessa forma de planejamento é importante que se ressaltem suas principais diretrizes: - a ação de planejar implica a participação ativa de todos os elementos envolvidos no processo de ensino; - deve priorizar a busca da unidade entre teoria e prática; - o planejamento deve partir da realidade concreta (aluno, escola, contexto social...); deve estar voltado para atingir o fim mais amplo da educação.

**BIBLIOGRAFIA**

- CALAZANS, Julieta C. Maria. "A descentralização que vem do centro." Revista Educação Municipal. São Paulo, Cortez, 1988.
- DALMÁS, Angelo. Planejamento na Escola 2. Edição Editora Vozes
- KUENZER, Zeneida Acácia. Política Educacional e Planejamento no Brasil: Os Descaminhos da Transição
- MENEGOLLA, Maximiliano  
SANT'ANA, Ilza Martins, Por que Planejar? Como Planejar?  
1991 Editora Vozes Ltda
- REVISTA, de Educação A E C. Planejamento: Educando para a participação. Ano 19 - n. 75 Abril/Junho de 1990

FICHA DE RELAT. DAS ATIVIDADES REALIZADAS NO ESTABO

DATA	HORA	LOCAL	ATIVIDADE / METODOLOGIA	RECURSOS	TEMPO
23/08	7:00	Sala 204 UFPB	Orientação e Estado sobre os seminários a serem apresentados.	Lápis e cadernos.	4:00
25/08	8:00	ANTONIO DIAS Comandante Vital	Ampliação de Questionário com professores. conversas informais sobre dificuldade na ampliação dos conteúdos	Apostilas e lápis	2:00
	10:00				
	15:00	Luiz Car- taxo Ro- lim			
29/08	7:30	Sala 204 UFPB	Apresentação dos diagnósticos colhidos nas visitas as escolas	Cadernos e lápis	3:00
01/09	8:00	Antônio Dias Comandante Vital	Estudo de texto tema: O PLANO NA SA-LADE AULA diálogo sobre a integração dos conteúdos entre as séries	Apostilas	2:00
	10:00				
	15:00	Luiz Car- taxo Ro- lim			

FICHA DE RELAT. DAS ATIVIDADES REALIZADAS NO LABORATÓRIO

DATA	HORA	LOCAL	ATIVIDADE / METODOLOGIA	RECURSOS	TEMPO
05/09	8:00	R:Dr. Coe-Iho	Apresentação de seminários. temas: planejamento. aula expositiva. diálogo. texto. cartazes e filmagem	Papel, cartolina e câmera de vídeo	3:00
08/09	8:00	Antônio Dias	Estudo e debate sobre: AVALIAÇÃO e como se elabora os textos de conhecimentos	Apostilas. quadro e giz	2:00
	10:00	Comandante Vital			
	15:00	Luiz Car-taxo Rolim			
12/09	7:30	Sala de vídeo	Apresentação de fita de vídeo sobre AVALIAÇÃO. Autor: LUCKESI: discussão em grupos	TV e vídeo	4:00
14/09	8:00	Antônio Dias	Estudo de texto sobre: OS PROFESSORES E O PLANEJAMENTO	Apostilas	2:00
	10:00	Comandante Vital			
	15:00	Luiz Car-taxo Rolim			

FICHA DE RELAT. DAS ATIVIDADES REALIZADAS NO SEMINÁRIO

DATA	HORA	LOCAL	ATIVIDADE / METODOLOGIA	RECURSOS	TEMPO
19/09	7:30	Sala 204 UFPE	Apresentação de seminário. temas: objetivos. Técnicas. textos. cartazes filmagem. Trocas de experiências sobre os es- quios.	Apostilas. cartolinas. esponja. água e giz	3:00
21/09	8:00	Auditório da UFPE	Seminário do Prolicon	-----	-----
22/09	8:00	Auditório da UFPE	Seminário do Prolicon	-----	-----
22/09	8:00	Antonio Dias	Estudo do texto sobre planejamento participativo e questionamentos	Apostilas	2:00
	10:00	Comandan- te Vital			
	15:00	Luiz Car- taxo Ro- lim			
26/09	7:30	Sala 204 UFPE	Apresentação de seminários. temas: RE- CURSOS E PROCEDIMENTOS DE ENSINO: textos. cartazes e filmagem e AVALIA- ÇÃO. Textos. cartazes e filmagem	Apostilas cartolina Papel madei- ra e camera de vídeo	3:00



FICHA DE RELAT. DAS ATIVIDADES REALIZADAS NO LABORATÓRIO

DATA	HORA	LOCAL	ATIVIDADE / METODOLOGIA	RECURSOS	TEMPO
13/10	08:00	Antonio Dias	Reuniões com pais e professores acerca dos conteúdos aplicados e as deficiências dos alunos.	Linguagem verbal	2:00
	10:00	Comandante Vital			
	15:00	Luís Carotaxo Rolim			
17/10	07:30	Sala 204 UFPB	Relatos e trocas de experiências dos estágios.	Linguagem verbal	3:00
	20/10	08:00	Antonio Dias	Apresentação de materiais didáticos de acordo com os conteúdos aplicados	Tv e Vídeo
10:00		Comandante Vital			
15:00		Luís Carotaxo Rolim			
24/10	07:30	Sala 204 UFPB	Relato e troca de experiências dos estágios	Linguagem Verbal	3:00

FICHA DE RELAT. DAS ATIVIDADES REALIZADAS NO LABORATÓRIO

DATA	HORA	LOCAL	ATIVIDADE / METODOLOGIA	RECURSOS	TEMPO
27/10	08:00	ANDRÉ DIAS	Estudo do texto: Recursos para a atividade docente	Apostilas	02:00
	10:00	Comandante Vital			
	15:00	Luís Car- taxo No- lim			
31/10	07:30	Sala 204 UFPA	Relato e troca de experiências dos estágios	Linguagem Verbal	03:00
06/11 a 10/11	07:30	Antonio Dias		Cartazes. cadernos de desenhos. figuras, ví- deo. lin- guagem ver- bal	20:00
		Comandante Vital	Smana da Ciência		
		Luís Car- taxo No- lim			
07/11	07:30	Laboratório de Jardim	Estudo sobre a função social da escola através de fita de vídeo e discussão em grupo	Tv. vídeo e Linguagem Verbal	04:00

## FICHA DE RELAT. DAS ATIVIDADES REALIZADAS NO ESTÁGIO

DATA	HORA	LOCAL	ATIVIDADE / METODOLOGIA	RECURSOS	TEMPO
14/11	07:30	Sala 204 UFPB	Estudo de texto. tema: Função Social da Escola	Revista. Raízes e Asas	03:00
20/11 a 24/11	07:30	Luís Car- taxo Ro- lim	Semana de Português	Lápis. ca- dernos. fo- lhas de ofi- cio e mi- meógrafo	20:00
21/11	07:30	Sala 204 UFPB	Troca de experiências dos estágios	Discursão em grupo	03:00
28/11	07:30	Sala 204 UFPB	Orientação dos relatórios e monogra- fias	Linguagem verbal	04:00
05/12	07:30	Sala 204 UFPB	Orientação dos relatórios e monogra- fias	Linguagem Verbal	04:00
13/12	07:30	Sala 204 UFPB	Apresentações dos trabalhos monográ- ficos	Livros ul- tilizados. textos. car- tazes. exvo- sicão dos trabalhos.	

TEXTOS APRESENTADOS NOS SEMINÁRIOS

## PLANEJAMENTO: FUNDAMENTOS E ETAPAS

### PLANEJAMENTO: NÍVEIS E SUAS RELAÇÕES

Nas últimas décadas, em comparação com o que ocorreu desde o homem primitivo até os nossos dias, houve uma vertiginosa e fulminante aceleração no processo de desenvolvimento mundial.

Essa mudança veio a exigir intensificação das relações humanas, busca de amenizar tensões, conflitos e favorecer a participação, a colaboração e a cooperação.

Por isso no mesmo dia-a-dia enfrentamos situações que requerem planejamento, só que nem sempre estão formalizados.

Já no entanto, quando nos propomos a realizar uma atividade, não tão comum em nosso dia-a-dia, buscamos racionalizá-la através de uma metodização (caminhos, maneiras), que favoreça, em última instância o alcance do que desejamos.

Disso tudo, concluímos que o planejamento é um conjunto de ações coordenadas entre si, que ocorrem para a obtenção de um certo resultado.

**PLANEJAMENTO:** processo que consiste em preparar um conjunto de decisões, tendo em vista agir, posteriormente, para atingir determinados objetivos.

Nunca devemos pensar num planejamento pronto, imutável e definitivo, devemos antes, acreditar que ele representa uma primeira aproximação de medidas adequadas de uma determinada realidade, tornando-se, através de sucessivas replanejamentos, cada vez mais apropriadas para enfrentar a problemática dessa realidade.

**PLANEJAMENTO EDUCACIONAL:** é um " processo contínuo que se preocupa com o para onde ir e quais as maneiras adequadas para chegar lá, para que o desenvolvimento da educação atenda tanto as necessidades do desenvolvimento da sociedade, quanto a do indivíduo."

**OBJETIVOS DO PLANEJAMENTO EDUCACIONAL: SEGUNDO JOANACCARACY:**

- Alcançar maior coerência interna na determinação dos objetivos e nos meios mais adequados para atingi-los;
- Conciliar e aperfeiçoar a eficiência interna e externa do sistema.

**REQUISITOS DOS FUNDAMENTAIS DO PLANEJAMENTO EDUCACIONAL SÃO:**

- Aplicação do método científico na investigação da realidade educativa, cultural, social e econômica do país;

- Apreciação objetiva das necessidades, para satisfazê-las ao curto, médio e longo prazo;

- Apreciação realista das possibilidades de recursos humanos e financeiros, a fim de assegurar a eficiência das soluções propostas.

O planejamento educacional constitui a abordagem racional e científica dos problemas da educação, envolvendo o aprimoramento gradual de conceitos e meios de análise, visando a estudar a eficiência e a produtividade do sistema educacional em seus múltiplos aspectos.

#### PLANEJAMENTO CURRICULAR:

Previsão de todas as atividades que o educando realiza sobre a orientação da escola para atingir os fins da educação:

O currículo deve ser funcional. Deve promover não só a aprendizagem de conteúdos e habilidades específicas, mas também fornecer condições favoráveis à aplicação e integração desses conhecimentos.

#### OBJETIVOS DO PLANEJAMENTO CURRICULAR:

- Ajudar os membros da comunidade escolar a definir seus objetivos;

- Obter maior efetividade no ensino;

- Coordenar esforços para aperfeiçoar o processo ensino-aprendizagem.

#### PREREQUISITOS DO PLANEJAMENTO CURRICULAR:

O planejamento curricular constitui, portanto, uma tarefa contínua a nível de escola, em função das crescentes exigências, de nosso tempo e dos processos que tentam acelerar a aprendizagem. Será sempre um desafio a todos aqueles envolvidos no processo educacional, para a busca dos meios adequados à obtenção de maiores resultados.

PLANEJAMENTO É: tomada de decisões bem informadas que visam a racionalização das atividades do professor e do aluno, na situação ensino-aprendizagem, possibilitando melhores resultados, em consequência, maior produtividade.

#### OS OBJETIVOS DO PLANEJAMENTO DE ENSINO:

- Assegurar um ensino afetivo e econômico;

- Verificar a marcha do processo educativo.

#### REQUISITOS DO PLANEJAMENTO DE ENSINO:

O professor ao planejar o trabalho, deve estar familiarizado com o que pode pôr em prática, de maneira que possa selecionar o que é melhor, adaptando tudo isto às necessidades e interesses de seus alunos.

O professor pode organizar três tipos de plano de ensino. Segundo MARTINS (1991) eles são assim definidos:

**PLANO DE CURSO:** envolve a previsão de todas as atividades que serão desenvolvidas durante um determinado tempo (bimestre, semestre ou ano);

**PLANO DE UNIDADE:** é uma especificação maior das unidades que compõem o plano de curso e como próprio nome sugere, ele trata de unidades do curso ou disciplina que se ministra.

**PLANO DE AULA:** é a concretização dos níveis anteriores no cotidiano da sala de aula, é a sistematização de todas as atividades que se desenvolve na interação professor-aluno, numa dinâmica de ensino-aprendizagem diária;

**RELACIONAMENTO:** o planejamento educacional é o mais amplo geral e abrangente. Prevê a estruturação e o funcionamento da totalidade do sistema educacional. A seguir, temos o planejamento curricular, que está intimamente relacionado as prioridades assentadas no planejamento educacional.

Assim, chegamos ao nível mais elementar e próximo da ação educativa. É através dele que, em relação ao aluno:

- Prevemos mudanças comportamentais e aprendizagem de elementos básicos;
- Propomos aprendizagem a partir de experiências anteriores e de suas reais possibilidades;
- Estimulamos a interação das diversas áreas de estudos.

A linha de relacionamento se evidencia, exigindo sempre um alto grau de coerência em determinação dos objetivos.

#### FASES DO PLANEJAMENTO DE ENSINO

Ao conversarmos com o professor, é comum ouvirmos sobre a insuficiência de condições externas para que ocorra uma condução metódica do ensino.

Apesar de dificuldades dessa ordem, o professor não deve nem pode desanimar. Organizando sua ação, terá amplas chances de sucesso.

Por isso, os professores, para efetivarem com propriedade seu trabalho, necessitam realizar uma previsão básica da ação a ser empreendida.

#### VISÃO GERAL

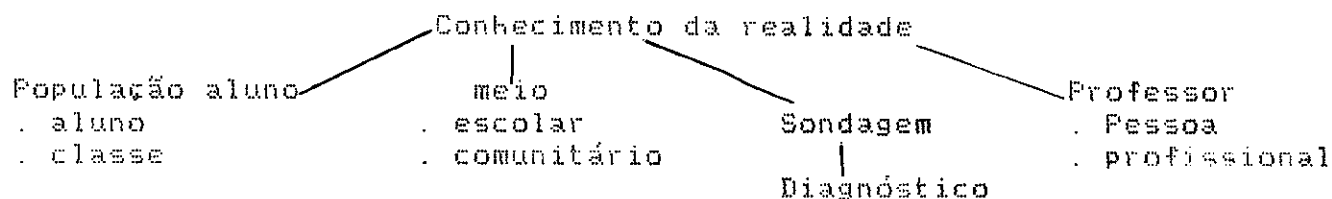
#### CARACTERIZAÇÃO DAS FASES

**PREPARAÇÃO:** na fase de preparação do planejamento são previstos todos os passos que concorrem para assegurar o desenvolvimento e a concretização dos objetivos previstos.

**DESENVOLVIMENTO:** na fase de desenvolvimento, a ênfase recai na ação do aluno e do professor.

**APERFEIÇOAMENTO:** a fase de aperfeiçoamento envolve a testagem e a determinação do alcance dos objetivos. Estes procedimentos de avaliação permitem os ajuste que se fizerem necessários a consecução dos objetivos.

#### FLUXOGRAMA



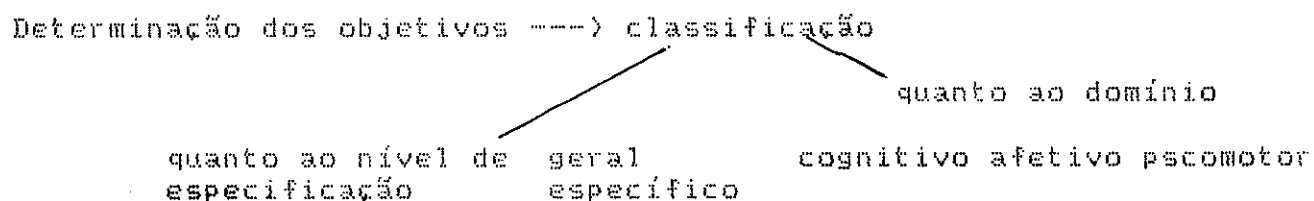
Para que o professor possa planejar adequadamente tarefas e atender as necessidades do aluno, deve levar em consideração o conhecimento da realidade. Este conhecimento constitui o pre-requisito para o planejamento de ensino.

O levantamento de dados e fatos importantes de uma realidade que possa ser interpretado, constitui a SONDAGEM.

Dessa forma o professor infere, como médico diante do cliente, após rigoroso exame um resultado. Essa conclusão a que o professor chega a análise dos dados coletados constitui o diagnóstico.

O diagnóstico retrata uma realidade. Com ele o professor tem apoio para elaboração de um plano de ensino, amparando em causas reais e significativas dentro do contexto escolar.

#### FASES DO PLANEJAMENTO



a) Determinação dos objetivos - " Entendemos por objetivos educacionais formulações explícitas das mudanças que, se espera, ocorram nos alunos mediante o processo educacional."

b) Seleção e organização dos conteúdos -



Seleção - objetivos propostos

Organização sequencial - logicidade, gradualidade, continuidade, unidade, integração

c) Seleção e organização de procedimentos de ensino  
. Objetivos;

Critérios . Natureza da aprendizagem e dos conteúdos;  
. Nível de desenvolvimento dos alunos;

↓  
Classificação . Procedimentos de ensino gerais ---> professor só vai orientar as atividades

. Procedimentos de ensino específicos ---> luta dos alunos p/ concretizar seus objetivos.

d) Seleção de recursos ---> natureza

Humanos  
professor, aluno, pessoal, escolar, comunidade

Materiais  
Do ambiente escolar, da comunidade

e) Seleção de procedimentos da avaliação

↓  
Critérios

- ! . Adequação
- !!
- ! . Ao sistema de avaliação escola
- ! . Aos objetivos - área cognitiva, afetiva pscomotora
- !
- ! . Aos conteúdos e procedimentos de ensino
- ! ! diagnóstica
- ! . As modalidades de ! formativa
- ! avaliação ! somativa
- !

- DBS: \* Cognitiva ---> nível de intelectual  
\* Afetiva ---> anseios e interesses do aluno  
\* Psicomotora ---> participação dos alunos (habilidades motoras)  
\* Diagnóstica ---> verificar as deficiências  
\* Formativa ---> informa e assegura o alcance dos objetivos  
\* Somativa ---> classifica e compara os resultados

Tipos de técnicas ---> Observação

fichas ou lista de controle  
anedotario  
escolas  
sistemas de categorias

entrevista e questionário

sociometria - sociograma

f) Estruturação do plano de ensino

Características - coerência, sequência, flexibilidade, precisão, objetividade

Tipos- curso unidade, aula

#### FASES DO DESENVOLVIMENTO

**PLANO EM AÇÃO:** O professor ao planejar o ensino, antecipa de forma organizada, todas as etapas do trabalho escolar cuidadosamente, identificam os objetivos que pretendem atingir, indica os conteúdos que serão desenvolvidos, seleciona os procedimentos que utilizará como estratégia de ação e prevê quais os instrumentos que empregará para avaliar o progresso dos alunos.

Resaltam-se com plano em ação, os papéis do professor e do aluno, na concretização do planejamento, assegurando-se uma progressão do projeto metódica e segura do processo em marcha.

#### FASES DO APERFEIÇOAMENTO

**AVALIAÇÃO E FEEDBACK:** ocorre na avaliação com vista ao replanejamento ao término do plano em ação, neste estágio três espécies de colocação parecem se fazer necessárias:

- Significado amplo de avaliação, implica descrever o elemento considerado e julgar seu valor;

- Afetividade e eficiência no contexto do planejamento geral, qualidade e rendimento estão assim, estritamente vinculados;

- Termo feedback, é um dos elementos básicos num planejamento de ensino. é através dele que todos os elementos envolvidos no processo tem condições de receber informações e perceber como se saíram ou como estão se saindo na realização dos objetivos.

#### BIBLIOGRAFIA

SANTANA, Flávia Maria, ENRICONE, Délcia. LENIR, Cancellia André. TURRA, Cláudia Maria Godoy. Planejamento de Ensino e Avaliação. 11ª ed. Porto Alegre, Sagra, 1986.

## PROCEDIMENTO DE ENSINO

" Não permaneça sempre na estrada pública, indo por onde os outros vão. Deixe o caminho batido ocasionalmente e embrenhe-se na mata. Esteja certo de que encontrará alguma coisa diferente do que você viu até então. Pode ser ua coisa pequena, mas não a ignore. Siga, e explore ao seu redor, uma descoberta leva a outra é, artes que você se dê conta, terá alguma coisa realmente digna para pensar. Toda a descoberta realmente grande foi o resultado do pensamento."

(BELL)

### 1 - CONCEITO

Ao se pensar em planejar todo professor deve se preocupar com o que querem fazer de seus alunos. Pois, o objetivo dessa pergunta derota a importância da determinação dos resultados que se espera obter o final do ciclo de ensino.

Segundo, Taba (1974), nem todos os indivíduos chegam a aprendizagem utilizando o mesmo procedimento, o mesmo tipo de atividade ou os mesmos recursos.

Portanto, podemos dizer que procedimentos de ensino são ações, processos ou comportamentos planejados pelo professor, para colocar o aluno em contato direto com coisas, fatos ou fenômenos que o possibilite modificar sua conduta, em função dos objetivos previstos.

### 2 - CLASSIFICAÇÃO

As ações exercidas pelo professor, bem como as ações exercidas pelos alunos, são determinantes da relação ensino-aprendizagem, como um processo interativo.

Uma vez que a interação é a ação que exercem, uns sobre os outros, os membros de um organismo social.

Os procedimentos de ensino classificam-se em:

#### a) PROCEDIMENTOS DE ENSINO GERAIS.

Os procedimentos de ensino gerais incluem ações, processos ou comportamentos pelos quais o professor atua sobre a pessoa que aprende orientando e controlando as condições externas favoráveis à aprendizagem.

Esses procedimentos compreendem: apresentação de estímulos, comunicação verbal e promoção de feedback.

#### b) PROCEDIMENTOS DE ENSINO ESPECIAIS

Incluem maneiras particulares de organizar as condições externas favoráveis a aprendizagem, enfatizando as atividades que são realizadas pelos alunos enquanto aprendem.

As técnicas de ensino, portanto, representam maneiras particulares de organizar o ensino, a fim de provocar a atitude do aluno, no processo de aprendizagem.

As técnicas de ensino classificam-se em:

- Técnicas de ensino individualizado;
- Técnicas de ensino em grupo.

### 3 - ATIVIDADES

A seleção e organização das atividades ou experiências de aprendizagem pressupõe alguns critérios que todo professor deve considerar:

- Objetivos pretendidos;
- Natureza de aprendizagem;
- Natureza do conteúdo;
- Nível de desenvolvimento dos alunos.

Risk (1967) nos diz que a prova principal do valor do que se aprende é a habilidade para aplicá-lo na vida diária. O aluno deve sentir a relação que se existe entre as atividades que realiza em classe e as situações diárias que a vida apresenta.

É necessário que os professores planejem atividades ou experiências de aprendizagem reais, tanto para classificar o significado dos conceitos como também, para aplicá-los.

As atividades ou experiências de aprendizagem podem ser dedutiva ou indutiva.

#### a) ABORDAGEM DEDUTIVA

O professor apresenta uma generalização, que pode ser uma idéia, conceito, princípio, regra, lei, conclusão, etc, e solicita que o aluno a aplique a fatos particulares.

Logo, a abordagem dedutiva parte do geral ao particular.

#### b) ABORDAGEM INDUTIVA

O professor utiliza como ponto de partida a apresentação de casos particulares para chegar a formulação de generalização.

É conveniente enfatizar que, na abordagem indutiva, é absolutamente necessário colocar à disposição do aluno muitos casos particulares, mas tantos quantos autorizem uma generalização.

Tanto a abordagem dedutiva como a abordagem indutiva são maneiras particulares de organização das situações de ensino.

## TÉCNICAS DE ENSINO

As técnicas de ensino apresentam maneiras particulares de organizar as condições externas à aprendizagem com a finalidade de provocar as modificações comportamentais desejáveis no aluno.

As técnicas de ensino individualizado e técnicas de ensino em grupo.

### a) TÉCNICAS DE ENSINO INDIVIDUALIZADO

O atendimento às diferenças individuais é o fundamento das técnicas de ensino individualizado.

São técnicas de ensino individualizado por exemplo: o estudo através de fichas didáticas, a instrução programada, o modelo de ensino, a observação, o estudo de textos, o laboratório, a leitura, a redação, a pesquisa bibliográfica, o estudo dirigido, a entrevista, a solução de problemas e etc.

### ESTUDOS ATRAVÉS DE FICHAS DIDÁTICAS

Consiste em colocar à disposição do aluno, na sala de aula, as fichas didáticas necessárias ao estudo de um determinado conteúdo.

As fichas didáticas se compõem de:

- Ficha de Noções
- Ficha de Exercícios
- Ficha de Correção.

As fichas são organizadas obedecendo os seguintes critérios:

- O conteúdo para estudo é apresentado na ficha de noções;
- As respostas correspondentes sobre os conteúdos são incluídas na ficha de exercícios;
- As respostas correspondentes as questões formuladas são apresentadas na ficha de correção.

## SOLUÇÃO DE PROBLEMAS

Consiste em apresentar ao aluno um problema que estimule o pensamento reflexivo para alcançar uma solução satisfatória.

O plano de três passos indica quanto é necessária a flexibilidade na organização das atividades de busca de solução ao problema apresentado, ao mesmo tempo que sugere uma sistemática de procedimentos.

PASSO I - INTRODUÇÃO DO PROBLEMA  
PASSO II - TRABALHAR O PROBLEMA  
PASSO III - PASSO FINAL

São três os fatores que, no mínimo, devem ser considerados pelo professor ao adaptar o problema as necessidades do aluno.

- Capacidade do aluno;
- Experiências anteriores;
- Interesses pessoais.

### b) TÉCNICAS DE ENSINO EM GRUPO

A ênfase geral no aproveitamento das possibilidades que interagem o indivíduo com o outro.

#### O que é grupo?

É o conjunto de alunos que interagem em função de objetivos cooperativos aceitos, onde a participação de cada um se traduz no pensar com o ouvir, no ouvir do outro, no aceitar possibilidades e reconhecer limitações existentes em si e no outro, no respeitar para ser respeitado, no agir e no crescer com o outro.

#### Que papéis podem os indivíduos desempenhar no grupo?

##### a) COORDENADOR

Suas funções básicas são orientar e controlar a ação do grupo em relação aos objetivos, planejando as conclusões, representando os membros do grupo junto ao professor e os demais colegas.

##### b) RELATOR

Encarega-se de ver e apresentar as conclusões do grupo ao professor e aos colegas.

Quais as etapas de processamento das atividades grupais?

a) PLANEJAMENTO

Os alunos determinam os objetivos a atingir, apontam algumas alternativas para a ação a desenvolver, prevem os recursos a utilizar e definem os papéis de cada um.

b) AÇÃO DO GRUPO

Execução da ação planejada. Inclui coleta de dados e material da elaboração dos dados e relatórios do grupo.

c) AVALIAÇÃO

Os alunos verificam se todos os objetivos foram atingidos e se o desenvolvimento, ou seja, o desempenho de cada um deles correspondeu as expectativas do grupo e as suas próprias.

### RECURSOS DE ENSINO

#### 1 - CONCEITOS BÁSICOS

Parece fácil tratar os recursos ou meios para o ensino, pois há uma variedade de obras que analisam com riqueza de pormenores as maneiras de empregá-los.

a) MEIOS como sinônimos de modo de instrução ou veículos para a apresentação de estímulos. Como por exemplos de meios podemos citar a voz do professor, um sorriso ou uma palmada, livros e etc.

Os meios são recursos físicos utilizados com o fim de apresentar estímulos ao educando. Estes estímulos, expressos pelos meios, e as respostas dos educandos aos mesmos, realizam os fatos pedagógicos. Portanto, aqui o termo "meio" inclui todos os seguintes, mecanismos e outros quaisquer do caráter semelhante: livros gráficos, gravações, dispositivos, filmes, a voz e os gestos do docente, textos programados, máquinas de escrever, televisão educativa e registros em video-tape.

b) MEIOS como recursos audiovisuais

Há uma técnica audiovisual (forma racional de utilizar os meios para conduzir a aprendizagem) e métodos audiovisuais (conjunto de meios e técnicas selecionadas, organizadas e utilizadas em função dos objetivos).

Recursos audiovisuais são todos os suportes da comunicação, ou veículos ou os meios utilizados para se comunicar uma idéia, imagem, informação ou conteúdo.

### c) MEIOS NA TECNOLOGIA EDUCACIONAL

É a maneira segundo a qual se combinam os fatores de produção da educação (construção, equipamento escolar, corpo docente, meios de comunicação, métodos de ensino, etc.) para obtenção do produto final.

A tecnologia educacional pode ou não implicar usos de recursos materiais. Seu campo é mais vasto: destina-se à organização e aplicação de recursos humanos, materiais, idéias e procedimentos e ao desenvolvimento de sistemas instrucionais, e está sempre voltada para problemas da educação.

## 2 - CLASSIFICAÇÃO

Há uma classificação tradicional que distingue os recursos visuais (projeções, cartazes), os recursos auditivos (rádio e gravações) e os recursos audiovisuais (cinema e televisão). Trata-se de uma classificação de uso corrente, mas arbitrária, pois, na prática, as expressões verbais, sonoras e visuais se complementam.

### CONE DE EXPERIÊNCIAS DE EDGAR DALE

A obra considerada clássica sobre audiovisuais foi escrita por Edgar Dale, em 1954. O autor propôs o "cone de experiências", no qual hierarquiza os vários meios em função do grau de abstração.

O cone proposto como ajuda visual, pode conduzir a falsa interpretação de que o autor classificou os meios por ordem de dificuldade. Ora, abstração crescente não significa dificuldade crescente, pois uma abstração não é necessariamente difícil. Também não há conflito entre as coisas concretas e as abstrações.

## 3 - ASPECTOS BÁSICOS DO EMPREGO DE RECURSOS NA SITUAÇÃO DE ENSINO

A classificação dos meios em geração proposto por Gilbur



Schramm, mostrou que, embora aplicados nos dias de hoje, muitos deles datam de séculos passados. A "exploração dos audiovisuais", porém, é mais recente.

#### **PORQUE EMPREGAR RECURSOS NA SITUAÇÃO DE ENSINO-CAUSAS**

- Argumento baseado na analogia com e sem emprego em outras áreas da vida humana.

Não se pode falar do emprego de recursos na escola sem recorrer às informações sobre os resultados obtidos em situações diversas, podemos comparar para evidenciar o valor, pois os encontramos em várias atividades profissionais e culturais.

- Argumento baseado nos méritos instrínsecos.

Ninguém contestaria o valor dos meios de comunicação na era dos satélites e da televisão a cores; como o ensino exige comunicação esse argumento é muito fácil de ser comprovado. O rádio educativo e a televisão educativa têm sido ponto de partida para aumentar as aquisições fora da escola.

- Argumento baseado nas provas de utilização pelos professores.

Este argumento é apresentado pelos professores que têm empregado recursos audiovisuais ou outros, admitem terem sido valiosos os resultados obtidos.

#### **b) PARA QUE EMPREGAR RECURSOS-FINALIDADES**

Para tornar a aprendizagem mais significativa ou para manter se possível, melhor o rendimento de um sistema educativo em expansão.

Servem para apresentar com maior clareza e precisão os conteúdos. Introduzir uma aula com slides pode incentivar o aluno e canalizar o dinamismo psíquico despertado.

#### **c) COMO EMPREGAR OS RECURSOS-FUNÇÕES, CRITÉRIOS DE SELEÇÃO E CUIDADOS**

A avaliação dos resultados de emprego dos recursos é portanto, parcial, porque é complexa separar os efeitos diretos do emprego dos audiovisuais em relação ao conteúdo, emprego dos efeitos relacionados à estimulação, à criação de um clima propício, às novas aquisições.

#### - CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE RECURSOS

A seleção seria fácil se os indivíduos tivessem os mesmos objetivos e as mesmas experiências. Os objetivos pretendidos são fundamentais para selecionar os textos, o material ilustrativo, e as ajudas tecnológicas.

#### - ADEQUAÇÃO

A adequação deve referir-se aos objetivos, aos conteúdos, aos alunos e aos meios. Há desrespeito à adequação quando, por exemplo:

- o livro texto é usado como fonte exclusiva de informação e o conteúdo a que se refere está alterado devido aos objetivos, ou seja, avanços científicos.

#### - ECONOMIA

Refere-se a relação e ao tempo necessário para elaborar ou escolher o recurso e o objetivo pretendido.

#### - DISPONIBILIDADE

Os recursos devem estar disponíveis no momento de sua utilização. A previsão de uso dos recursos das escolas é condição para a sua disponibilidade.

#### - PRECISÃO

Os recursos devem dar uma informação tão exata quanto seja possível.

#### - CUIDADOS NA UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS

- . Examinar previamente o funcionamento dos aparelhos;
- . Apresentar no momento oportuno;
- . Controlar o tempo disponível;
- . Preparar os alunos para o emprego.

#### 4 - O PROFESSOR E O EMPREGO DE MULTI-MEIOS

O ensino tem por objetivo procurar mudanças de comportamento e o professor age sobre os alunos procurando orientá-los. Por isso, o professor em todo o momento, deve levar em consideração as reações dos alunos e procurar adaptar a esses aspectos a sua ação docente. Os meios têm missão de facilitar o trabalho do professor e permitir individualização do ensino, não rebelá-lo.

## OBJETIVOS EDUCACIONAIS

A formulação de objetivos é fundamental em qualquer atividade. Decidir os objetivos significa decidir as aprendizagens resultante de ensino.

Em torno da formulação de objetivos gira todo o trabalho do professor. A seleção dos conteúdos, dos procedimentos e dos recursos decorrerá de determinação dos objetivos e não poderá ser avaliado o que os alunos aprenderam se não se fixar o que se pretendia obter.

### DISTINÇÃO ENTRE FINS E OBJETIVOS

A palavra fim refere-se a finalidades:

\_ Abstratas, teóricas, ideais, de longo alcance, pertencentes ao mundo dos valores não experimentais, não avaliáveis de maneira direta.

A palavra objetivos refere-se a finalidades:

\_ Concretas, práticas, reais, alcançáveis em determinado período pertencentes ao mundo dos bens experimentais avaliáveis diretamente. Os fins da educação orientam o sistema educacional e determina o perfil de homem que a educação procura formar.

### FONTES DOS OBJETIVOS

Não há uma fonte única já que todos possuem valores e por isso devem ser consideradas. Para Ralph Tyler são fontes dos objetivos: o aluno, a sociedade e o conteúdo.

Faz-se necessário identificar as contribuições que cada conteúdo pode prestar à educação.

### TIPOS DE CLASSIFICAÇÃO GERAL DE OBJETIVOS

#### QUANTO À CLASSIFICAÇÃO

Para Esteves (1968) os objetivos classificam em gerais e específicos.

Objetivos gerais: são complexos e alcançáveis em determinado período de tempo. Suas funções são:

\_ Esclarecer e definir os diversos níveis de ensino;  
\_ Determinar e contribuir nos recursos e nas disciplinas para educação.

## QUANTO AOS DOMÍNIOS

Podem ser:

\* Cognitivos, abrange conhecimentos, conceitos, idéias, princípios e habilidades mentais.

\* Afetivos, abrange objetivos associados a atitudes, valores e apreciações.

\* Psicomotores, abrange objetivos associados a habilidades motoras.

## FUNÇÃO DOS OBJETIVOS

Podemos apontar as seguintes funções dos objetivos específicos:

\* Esclarecer os objetivos visados;

\* Permitir maior precisão na avaliação dos resultados;

\* Comunicar aos alunos o que se esperam deles.

## RELAÇÕES ENTRE OBJETIVOS E CONTEÚDOS

Um objetivo é tanto mais útil quanto melhor percebido como um meio para atingir um fim e não um fim em si mesmo. O estudo de um conteúdo será um instrumento que conduz a consecução do objetivo.

## RELAÇÃO ENTRE OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS

O processo de aprendizagem deve ter uma direção previamente determinada e expressa pelos objetivos. Os procedimentos são meios para que o aluno atinja os objetivos.

## RELAÇÃO ENTRE OBJETIVOS E AVALIAÇÃO

A avaliação é necessária ao professor para determinar o progresso e as dificuldades que devem ser superadas para que o processo de ensino seja adequado às necessidades do aluno. Avaliar o rendimento de um aluno é portanto avaliar em que medida os objetivos foram atingidos.

## FATORES QUE INFLUEM NA DETERMINAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS

\* Maturidade, trata-se de determinar as capacidades e necessidades relacionadas com que o aluno pode aprender.

\* Motivação, cabe ao professor considerar e analisar os aspectos mais significativos.

\* Tempo disponível em relação à quantidade de objetivos, é preciso realidade no planejamento, quanto ao número de objetivos em relação ao tempo disponível.

\* Situações de ensino, cabe ao professor determinar o tipo de atividade que o aluno poderá atingir o objetivo proposto.

## DIFICULDADES NA DEFINIÇÃO DE OBJETIVOS AFETIVOS

\* Falta de ênfase por parte dos sistemas educacionais;

\* Problema da terminologia específica;

\* Tempo necessário para estruturar atitudes;

\* Limitação dos instrumentos de avaliação;

\* Qualidade particular das respostas.

## AVALIAÇÃO

A avaliação é um método de adquirir e processar evidências para melhorar o ensino e a aprendizagem; inclui uma grande variedade de evidências que vão além do exame usual de "papel e lapis"; é um auxílio para classificar os objetivos significativos e as metas educacionais, e é um processo para determinar em que medida os alunos estão se desenvolvendo dos modos desejados; é um sistema de controle da qualidade pelo qual pode ser determinada, etapa por etapa do processo ensino-aprendizagem."

( Bloom, 1971)

Nas escolas, de maneira geral, há grande preocupação com a nota ou conceito atribuído ao aluno. Ligada diretamente à aprovação ou reprovação dos alunos, a nota acaba sendo um fim em si mesma, ficando muito distanciada e sem relação com as situações de aprendizagem.

Os autores que tem analisado a avaliação como uma visão crítica afirmam que ela pode exercer três funções: a diagnóstica, a de controle e a classificatória.

**Na diagnóstica:** Permite ao professor e ao aluno detectar os pontos fracos deste e extrair as consequências pertinentes sobre onde colocar a ênfase no ensino e na aprendizagem.

**Na de controle:** Tem a função de informar o aluno e o professor sobre os resultados que estão sendo alcançados durante o desenvolvimentos das atividades de maneira geral, ou seja, apontar deficiências, insuficiências no desenvolvimento do ensino-aprendizagem, para corrigi-las.

**Na classificatória:** Classifica o aluno segundo o nível de aproveitamento, em comparação ao grupo da classe. A participação do aluno nesse processo é pequena e muitas vezes. Ele nem mesmo tem clareza do porquê dos resultados obtidos; a nota chega como uma sentença, definindo seu destino escolar e até mesmo fora da escola.

Se é desejável que a avaliação tenha um caráter diagnóstico e contínuo, é preciso para isso tomar certos cuidados. Acompanhar as atividades que os alunos realizam, analisando com eles seus avanços e dificuldades, vai ajudá-los a aprender e melhorar suas competências; mas não se pode transformar as situações de sala de aula em "tarefas" às quais se atribuem notas ou conceitos. Juntar esses resultados parciais para estabelecer pela média, a apreciação sobre o desempenho dos alunos significa apenas ter mais notas, e não garante a atuação de acompanhamento e diagnóstico. A avaliação contínua sendo classificatória.

A avaliação, assim, tem de adequar-se à natureza da aprendizagem, levando em conta não só os resultados das tarefas realizadas, o produto, mais também o que ocorreu no caminho, o processo. Para isso, é preciso observar:

- \* Que tentativas o aluno fez para realizar atividades?
- \* Que dúvidas manifestou?
- \* Como interagiu com os outros alunos?
- \* Demonstrou alguma independência?
- \* Revelou progresso em relação ao ponto em que estava?

A atual prática da avaliação escolar estipulou como função do ato de avaliar a classificação e não o diagnóstico como deveria ser, ou seja, podemos dizer que esse ato conservador de avaliação produziu três pedagogias diferentes, mas relacionadas entre si e com o mesmo objetivo: Conservar a sociedade na sua configuração. Vejamos:

. a pedagogia tradicional, centrada no intelecto, na transmissão de conteúdos e na pessoa do professor;

. pedagogia renovada ou escolanovista, centrada nos sentimentos na espontaneidade da produção do conhecimento e no educando com suas diferenças individuais;

. pedagogia tecnicista, centrada na exacerbação dos meios técnicos de transmissão e apreensão dos conteúdos e no princípio de rendimento.

É preciso que a avaliação assuma o seu verdadeiro papel de instrumento dialético de diagnóstico e se situe a serviço da transmissão social, caminha num processo dialógico e cooperativo, através do qual educando e educadores aprendam sobre si mesmos, pois a reflexão sobre o desempenho é mais rica quando realizada por todos os envolvidos: O professor, o próprio aluno e grupo-classe.

Para que isso aconteça é preciso que o professor dê chance ao aluno de perguntar a si mesmo:

- . Sobre suas dificuldades
- Onde foi que eu errei?
- Por que ?

- . Ouvir do grupo:
- Por que você resolveu essa questão desse jeito?
- Como você conseguiu essa resposta?
- O que você acha que essa questão pediu?

Por sua vez o professor também se perguntará:

- Será que a tarefa foi adequada?
- O que eu pretendia que o aluno aprendesse?
- A instrução para a tarefa era clara?
- Que outra tarefa ou questão posso propor para que esse aluno avance?

A participação por parte do educador não ser, a simplória, pois exige do professor uma visão ampla e detalhada de sua disciplina: fundamentos teóricos que lhe permitam estabelecer conexões entre as hipóteses formuladas pelo aluno e a base científica do conhecimento.

#### BIBLIOGRAFIA

HOFFMAM, Jussara. Avaliação: mito e desafio uma perspectiva construtivista, 14ª ed., Porto Alegre-RS: Editora Educação e Realidade, 1994, 114p.



## O LIVRO DIDÁTICO: SEU PAPEL NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

A educação pode ser vista como elemento de formação global do indivíduo engajado nas suas relações sociais, políticas, econômicas e culturais, com reflexos da sociedade que a mantém.

A escola pela função social que desempenha pode atuar como espaço possível de construção do saber sistematizado, fazendo com que o educando seja capaz de recriar o mundo do qual faz parte.

Recriar significa participar ativamente das atividades escolares engajando-se nos movimentos da comunidade, nas reinvenções coletivas no ambiente no qual está inserido.

Para que a escola cumpra a sua função social é preciso que repense a sua transmissão de saber e questione o modo como trabalha os conteúdos curriculares.

Uma forma que a escola de modo geral, repassa tais conteúdos é através do livro didático.

Esse livro didático tem um papel importante no processo-ensino-aprendizagem por, constituir muitas vezes num único material escrito encontrado na sala de aula. E conseqüentemente na vida das crianças em cujas moradias não há ambiente propício à leitura, conforme a firma MOLINA (1988, p.18), "o livro didático adquire especial importância quando se atenta para o fato de que ele pode ser muitas vezes, o único livro com que a criança tem contacto. Considerando-se o fato de que ao deixar a escola pode ocorrer que jamais torne a pegar em livros. Percebe-se que para muitos cidadãos o livro didático termina por ser "o" livro".

Embora o livro traga no seu bojo tamanha responsabilidade o que é questionável é a forma como a escola o utiliza reforçando a divisão da sociedade em classes, sendo portanto um instrumento ideológico a serviços dos dominantes, o que pode ser confirmado por FARIA (1994), "o livro didático é um dos veículos utilizados pela escola para a transmissão da ideologia burguesa".

Essa ideologia é transmitida muitas vezes através das gravuras, das situações das histórias narradas ie principalmente através dos conceitos morais e linguísticos etc.

Entretanto seja qual for a formula de trabalhar o livro didático este assume um papel significativo vez que "é um elemento tão presente na saula de aula quanto o professor", avendo aqueles professores que chegam a proibir a entrar na saula de aula os alunos que não tenha trazido os livros" MOLINA (1988, p.13).

A partir de 1985 foi oficializada a escolha do livro didático pelo professor o que traz na sua invergedura novas procuções.

As condições de vida dos professores de modo geral os impedem de ter acesso a jornais, revistas, que possam abrir os horizontes a cerca do que se publica, como e co quias objetivos.

Assim os professores escolhem através de catálogos aqueles mais conhecidos reforçando o que nos afirma MOLINA (1988, p.24), "quem é dita mais divulga mais e, com isso torna-se um círculo vicioso: as editoras mais poderosas executam maior pressão sobre os professores".

Acrescenta-se a isso a precária formação política-pedagógica da maioria dos professores e a pouco ou nenhuma familiaridade com novos livros tornando sem validade a oportunidade de escolha.

Dessa forma as condições de trabalho dos professores obrigam até mais de um emprego e praticamente não lhe sobra tempo para preparar uma aula, antes de entrar na sala. A auternativa é realmente abrir o livro basear-se nele (NOVA ESCOLA) Nº 37, p.40.

Tal constatação nos remete a questão maior do hábito de leitura que tem os professores. O professor que lê pouco passa sublimamente para seus alunos o desprezo pela leitura. Segundo FREITAG (1993), "os hábitos da não-leitura do professor são repassados aos alunos".

Outra questão que apresenta é o comodismo que o livro didático traz em sua bagagem. Não só os livros didáticos de leituras, mas de matemática de estudos sociais etc.

A maioria dos livros acomoda tanto os professores como os alunos no desenvolvimento das atividades rotineiras, tornando as aulas monótonas e repetitivas.

Essa prática de trabalho com o livro na sala de aula, além de amortecer a dinâmica da prática docente limita a criatividade do aluno por não estimular o lado artístico, a expressão oral e escrita, o manuseio de materiais que envolvem o aspecto lógico, matemático, o afetivo e psico-motores.

Nesse enfoque o trabalho inerte, com o livro didático, restringem os conhecimentos por não exigir do professor pesquisas e outras fontes tornando-o mero repetidor das idéias do autor.

Os exercícios e atividades surgerida nas maiorias dos livros não desenvolvem o raciocínio por serem mecanizados, estimulam a descoberta e inibem a construção do saber.

Por isso, discutir o livro didático num processo ensino-aprendizagem torna-se no momento central extremamente relevante pelas inumeras questões que suscitam em torno do papel que ela desempenha na sala de aula no contato direto com os alunos e

professores sendo portanto, de grande interesse a todos os educadores.

#### BIBLIOGRAFIA

- FARIA, Ana Lúcia de, Ideologia do livro didático. São Paulo. Cortez, 11<sup>ª</sup> edição, 1994.
- FREITAG, Bárbara, O livro didático em questão. São Paulo. Cortez, 2<sup>ª</sup> edição. 1993.
- MOLINA, Olga. Quem engana quem? Professor X livro didático. 2<sup>ª</sup> edição. Campinas - São Paulo.

## AVALIAR UM ATO QUE EXIGE MUDANÇA

Inicialmente começaremos com o conceito de AVALIAR e MEDIR, pois sabemos que a maioria dos professores não avaliam os seus alunos e sim verificam ou melhor medem o nível de conhecimento dos mesmos.

Vejamos: o que é avaliar e o que é medir.

AVALIAR- é um processo amplo, sistemático, contínuo e integral, sendo também funcional; haja visto que se realiza em função dos objetivos propostos. Podemos utilizar-se de descrições quantitativas como qualitativas, envolvendo juízos de valor. Enquanto que MEDIR- é o ato de colher informações e ordená-las levando em conta seu aspecto quantitativo, numérico. Medida implica quantificação, não envolvendo juízos de valor.

Sabemos que a escola reproduz as estruturas sociais como sendo esta estrutura na base do incentivo, à superação do outro, ao saber particular, individualizado, dificultando a interação necessária entre os professores para a problematização das situações.

Então surge a pergunta:

Porque avaliar?

O ato de avaliar ainda está intimamente ligado, infelizmente à questão aprovação/ reprovação. Para muitos professores a prática da avaliação ( ou melhor da verificação ) está vinculada à medição da quantidade de conhecimentos adquiridos pelos alunos. Avalia-se para dizer quem "passa" ou quem "permanece", para classificar o aluno em bom/ ótimo/ ruim ou em 10, 5,0 ou zero. Avalia-se para fazer julgamento final ( mensal, bimestral, semestral e anual).

Em levantamento realizado verificou-se a visão de alguns professores no sentido de por que avaliar?

- . Porque o aluno precisa de uma nota;
- . Para medir conhecimentos;
- . Porque o sistema exige;
- . Para verificar o rendimento do indivíduo ;
- . Para saber o que o aluno aprendeu;
- . Para saber se os objetivos foram alcançados pelos alunos;
- . Para verificar o resultado da aprendizagem do aluno;
- . Para saber o nível de conhecimentos do aluno ou para constatar o grau de aprendizagem.
- . Para dar uma resposta aos pais;
- . Para controle de processo;
- . Para garantir a eficiência do processo ensino-aprendizagem;

Você poderá imaginar que agindo desta forma, facilitará "a vida" do aluno. A questão não é fazer avaliações fáceis, desejando do aluno somente o retorno daquilo que já foi dado ou está escrito nos livros. Avaliar não é verificar a reprodução, mas fornecer condições para que o aluno crie algo de novo.

A avaliação deve ser o momento de questionar, de problematizar, de "hipotetizar" o que já foi visto. O professor deverá criar formas de avaliações que levem em consideração o raciocínio do aluno, sua capacidade de produzir novos conhecimentos e de se auto-avaliar. Desta forma, a avaliação, cumpre seu papel no processo de ensino-aprendizagem e estabelece novos caminhos. Assim, a própria avaliação torna-se mais um momento de aprendizagem. O caminho do professor que avalia é o de reavaliar a aplicabilidade de seu método, de suas avaliações e de postura enquanto educador.

Vale a pena lembrar que avaliar não é dar somente provas escritas.

O professor deve estar atento para não correr o risco de empobrecer o seu processo avaliatório, aplicando só um tipo de instrumento.

Estando claro para o aluno que a avaliação está presente em todo processo, ao aplicar uma avaliação específica, o educador deve utilizar várias formas de avaliar. Ora aplicando provas escritas, que por sua vez podem ser preparadas de várias maneiras (solicitando do aluno identificações, comparações, análises de texto, aplicando chamadas orais que podem levar o aluno a expressar suas opiniões, levantar hipóteses, construir novas questões, ora avaliando através de sua participação e atuação e além, é claro, de sua auto-avaliação.

Nesta mesma perspectiva de encarar a avaliação como um processo, o professor deve estabelecer, desde o início, os objetivos, tanto no que se refere a atitudes, como nos referentes ao conhecimento. Deixe claro para o aluno o que você pretende. Abra-se ao diálogo, discuta com os alunos os objetivos. E então, uma atitude de quem não está sozinho e de quem trabalha em grupo, comprometa-se e os faça comprometer. No cumprimento e na efetivação desses mesmos objetivos.

Enfim, mudar o ritual da avaliação, deixando de encará-la como um fim em si mesmo e vendo-as como um meio no processo de construção de conhecimento, significa dar um grande passo, a mais na mudança pedagógica das escolas do nosso país. É estar a caminho de uma nova educação, comprometida com o educando.

Muitos professores utilizam a avaliação como um fim, quase exclusivamente com objetivos promocionais. Mesmo procurando inovar, o professor ainda não tem dado a importância necessária que avaliação deve possuir dentro do processo de aprendizagem. Ele dá a matéria, aplica prova escrita, atribui nota e encerra o ato de avaliar. Desta forma não se tem idéia do processo. A nota torna-se um imperativo, servindo apenas para um resultado parcial que muitas vezes é utilizado erroneamente pelos professores nos conselhos, cicatrizando o aluno com sequelas levadas para o resto da sua vida escolar. O aluno então é tido como "fraco" " incapaz até pejorativamente como " burro " .

#### UTILIZAÇÃO COERSITIVA

Muitos professores, não tendo uma postura crítica daquilo que ensinam, da forma como ensinam e também não tendo clareza ampla dos problemas que envolvem a avaliação, utilizam-na com objetivos disciplinadores.

Isto ocorre porque, na maioria das salas de aula, o que se ensina aos alunos, ou seja os currículos, têm-se mostrados inadequados à realidade em que estão inseridos. Além disso, são desenvolvidos principalmente por meio de aulas expositivas que exigem do aluno um comportamento robotizado, vegetativo, além de exigir também uma memória prodigiosa nas provas.

O aluno que sai das regras da "boa conduta" que é "vivo" e que não aguenta ser o tempo todo passivo num processo que deveria lhe proporcionar atividades, acaba sendo classificado como "bagunceiro", como quem veio para perturbar a paz e a ordem. O que vem após a classificação de desajustado são as punições: dar-lhe advertências, tirar-lhe pontos colocá-lo para fora da sala, mandá-lo ao coordenador, ao diretor, chamar os pais.

Quando esse tipo de comportamento reincide e a punição não surtiu efeito esperado, usa-se então o método de coibir os alunos com a avaliação. Então, surgem as provas surpresas, provas com armadilhas nos testes, provas que os alunos "vão ver" e outras da espécie.

Este tipo de comportamento dos professores descaracteriza a avaliação. Ela passa a ser vista pelos alunos como algo que existe para punir, inibir e cobrar, não é assim que a avaliação deve ser encarada. Não pode servir como arma do professor contra o aluno e o aluno não pode vê-la como instrumento estranho ao processo ensino-aprendizagem.

Outro problema referente à avaliação é o fato de que foi tirado do professor o direito de atuar como educador no sentido amplo que esta palavra possui. O que tem acontecido é que algumas escolas têm mostrado ao professor (nos cursos de licenciaturas e magistério) e têm exigido dele que só atue como transmissor de conhecimentos e que só avalie cognitivamente e, ainda por cima, somente em alguns momentos (por exemplo, ao fim do bimestre).

Sendo assim, tira-lhe o que é primordial neste processo, que é desenvolver, e ao mesmo tempo avaliar, a capacidade intelectual e comportamental dos alunos.

Os alunos, sabendo que o critério de aprovação recai única e exclusivamente na aquisição do conhecimento estabelecido e que, por muitas vezes, não necessitam do professor para adquiri-lo, fazem da sala de aula momento de encontro com os colegas, momento de lazer, momento de ser cobrado aquilo que contém nos livros didáticos e, às vezes, para alguns, momentos de aprender o conhecimento científico. Sem o entendimento do ato de educar e de avaliar como sendo um processo, o aluno tende a se indisciplinar e por sua vez o professor tende a posturas coercitivas, como as que já foram citadas.

Desta forma cria-se um ciclo vicioso, maléfico, que invade nossas escolas e está acabando com a construção de novos conhecimentos, com os talentos, com a cientificidade e com a profissionalização.

### TERMÔMETRO EDUCATIVO

Avaliação deve ser encarada como um meio de fornecer informações sobre o processo, tanto para que o professor conheça os resultados de sua ação pedagógica como para o aluno verificar seu desempenho. Temos que entender que avaliar é um processo dentro do processo maior de ensino-aprendizagem, o aluno deve saber o que está ocorrendo, que ele está sendo avaliado a todo momento e que esta avaliação abrange desde a assimilação do conhecimento, cognitivo a atitudes frente ao conhecimento, aos colegas e ao professor.

As avaliações e os seus resultados, quando usados corretamente dentro da perspectiva de processo ensino-aprendizagem, tendem a funcionar como um termômetro que nos mostra a situação deste mesmo processo.

Os maus resultados podem estar acontecendo devido ao tipo de conteúdo desenvolvido e metodologia inadequada e até uma forma errada de avaliar. Ao constatar esses problemas, o professor, então, tem condições de buscar soluções para as causas. É importante dar uma nova oportunidade ao aluno, pois este não deve pagar com notas baixas, um processo mal realizado e mal avaliado. Ao mesmo tempo, bons resultados podem refletir uma eficaz ação pedagógica.

### QUALIDADE X QUANTIDADE

Atualmente, a avaliação de aproveitamento estabelece uma importância maior dos aspectos quantitativos sobre os qualitativos. Avaliar qualitativamente significa valer-se não apenas de dados puramente quantificáveis, que podem ser medidos e observa-

jos através de testes escritos e orais, mas significa utilizar-se dos dados dentro de um quadro mais amplo, enriquecido pelo envolvimento, comprometimento e experiência do professor que avalia. Este julgamento torna-se mais global e portanto no qual o aluno é visto como um todo. Nesta avaliação, o aluno não é colocado numa escala, mas numa determinada situação em relação as experiências do professor e também dele mesmo.

Avaliar desta forma, ou seja, qualitativamente, não é tarefa fácil. O professor deixa de ser mero coletor de dados quantificáveis e torna-se alguém que utiliza sua experiência, sua visão, interpretando os fatos dentro de um quadro referencial de valores que podem ser estabelecidas a partir de experiências, reflexões, estudos, análises de todos os professores para que os julgamentos feitos sejam coerentes e levem a uma situação mais justa para o aluno.

Você poderá imaginar que agindo desta forma, facilitará "a vida" do aluno. A questão não é fazer avaliações fáceis, desejando do aluno somente o retorno daquilo que já foi dado ou está escrito nos livros. Avaliar não é verificar a reprodução, mas fornecer condições para que o aluno crie algo de novo.

A avaliação deve ser o momento de questionar, de problematizar, de "hipotetizar" o que já foi visto. O professor deverá criar formas de avaliações que levem em consideração o raciocínio do aluno, sua capacidade de produzir novos conhecimentos e de se auto-avaliar. Desta forma, a avaliação, cumpre seu papel no processo de ensino-aprendizagem e estabelece novos caminhos. Assim, a própria avaliação torna-se mais um momento de aprendizagem. O caminho do professor que avalia é o de reavaliar a aplicabilidade de seu método, de suas avaliações e de postura enquanto educador.

Vale a pena lembrar que avaliar não é dar somente provas escritas.

O professor deve estar atento para não correr o risco de empobrecer o seu processo avaliatório, aplicando só um tipo de instrumento.

Estando claro para o aluno que a avaliação está presente em todo processo, ao aplicar uma avaliação específica, o educador deve utilizar várias formas de avaliar. Ora aplicando provas escritas, que por sua vez podem ser preparadas de várias maneiras (solicitando do aluno identificações, comparações, análises de texto, aplicando chamadas orais que podem levar o aluno a expressar suas opiniões, levantar hipóteses, construir novas questões, ora avaliando através de sua participação e atuação e além, é claro, de sua auto-avaliação.

Nesta mesma perspectiva de encarar a avaliação como um processo, o professor deve estabelecer, desde o início, os objetivos, tanto no que se refere a atitudes, como nos referentes ao conhecimento. Deixe claro para o aluno o que você pretende. Abra-



se ao diálogo, discuta com os alunos os objetivos. E então, uma atitude de quem não está sozinho e de quem trabalha em grupo, comprometa-se e os faça comprometer. No cumprimento e na efetivação desses mesmos objetivos.

Enfim, mudar o ritual da avaliação, deixando de encará-la como um fim em si mesmo e vendo-as como um meio no processo de construção de conhecimento, significa dar um grande passo, a mais na mudança pedagógica das escolas do nosso país. É estar a caminho de uma nova educação, comprometida com o educando.

#### BIBLIOGRAFIAS

A prática pedagógica de professores na escola pública. São Paulo, PUC. 1984. Tese de mestrado em educação.

HOFFMANN, Jussara. Mito & Desafio: uma perspectiva construtivista. Educação realidade, 14ª edição. Porto Alegre - RS, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo, Edições Loyola, 1984.

OLIVEIRA, Denise Pereira Torres. Avaliação em Alfabetização: quantidade x quantidade. In: Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro, v. 19 (95/96): 15-18, jul/out. 1990.D

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação Educacional Escolar: para além do autoritarismo. ANDE, São Paulo. (5): 47-51, 1986.

Avaliação e Aprendizagem. Raízes e Asas.

TEXTOS TRABALHADOS COM OS PROFESSORES

QUESTIONÁRIO

UNIDADE ESCOLA \_\_\_\_\_

PROFESSOR(a) \_\_\_\_\_

SÉRIE QUE LECIONA \_\_\_\_\_

TEMPO DE EXERCÍCIO NA ESCOLA \_\_\_\_\_

RESPONDA COM BREVES PALAVRAS:

1. O que você entende por PLANEJAMENTO?

2. Como é feito o planejamento na sua escola?

3. O plano elaborado por você é realizado na prática?

4. Pra você, o que é avaliar? Como é feita a avaliação dos seus alunos?

5. Como você percebe o livro didático? Ele destrói? Constrói? Ou é "faca de dois gumes"?

6. Numa escala de 0 a 10, analise como se encontra o seu relacionamento:

- |                              |                        |
|------------------------------|------------------------|
| a) com os outros professores | 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 |
| b) com os alunos             | 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 |
| c) com a direção             | 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 |
| d) com os pais dos alunos    | 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 |

7. Qual a importância que você atribui ao PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO?

## O PLANO NA SALA DE AULA

I - Muitos professores não gostam de planos ou de planejamento.

. Há vários motivos para este distanciamento entre planos e professores.

1 - Na maioria das vezes, o professor encontra-se com o seu trabalho de sala de aula como uma tarefa bem limitada e sempre repetitiva, isto é, o conjunto de técnicas que as compõe e a sequência em que elas aparecem é algo facilmente apreensível sem necessidade de escrever um plano. Mesmo que usem equipamentos especiais (além do giz e do quadro), isto pode constituir desafio nas duas primeiras vezes, tornando-se rotineiro depois.

. Quando o coordenador pedagógico exige apresentação de planos que depois, para nada servem, constroem-se e reforçam a idéia de que o importante é o formalismo.

2 - Quando se pensa em fazer escola como uma tarefa globalizante em que todos exerçam poder sobre o todo - a feitura de planos organiza-se de modo diferenciado. Todos são chamados a construir a execução a avaliação e elaboração: a proposta para a transformação, ao mesmo tempo, da escola e da sociedade.

. O segundo motivo que afasta os professores do planejamento: é a carência teórica e técnica do próprio planejamento para o encaminhamento duma prática de sala de aula significativo em termos de globalidade, coerência, precisão, clareza, eficiência e eficácia.

. Construir uma teoria e uma técnica de planejamento com essas características é, também, se apropriarem os professores desta técnica e desta teoria porque, por elas e para eles, estariam sendo construídas.

3 - Entre os muitos motivos para que os professores se afastem do planejamento, é a própria opção conservadora egemônica na sociedade e, como consequência na educação. O espírito conservador cria planejamento burocratizante, verticalista e apenas operacional, ou seja, não política.

II - No atual estágio da reflexão sobre planejamento, sobre planejamento, a busca de uma proposta para o planejamento da prática de sala de aula que sugere o meramente burocrático e conservador, oferece dois caminhos.

i - Quando não existe, na escola em questão, um plano global:

. Os professores reúnem-se conforme suas disciplinas ou suas áreas de ensino. Também podem ser reuniões de professores da mesma série.

## PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO

O objetivo deste sub-item é proporcionar uma compreensão ampla de planejamento, numa perspectiva utópica, levando-se em conta o entendimento explicitado na opção de pessoa, educação e sociedade apresentado no anexo "Plano global."

### 1.1- Ideologia de Planejamento

a) o primeiro modo é planejar PARA a comunidade: neste modelo, é uma administração ou direção exercida por alguém e não por todos. É assumida por um pequeno grupo, uma parte, nunca o todo.

b) um segundo modo de planejar é COM a comunidade: modelo de planejamento existe a co-gestão. Há um pouco de participação da comunidade no planejamento.

c) um terceiro modelo é planejamento da comunidade: aqui o poder é exercido como um serviço. Esse modelo é o ideal de planejamento de participação e gestão. Só assim poderá acontecer participação comunitária para a transformação social em favor da justiça, da fraternidade e da libertação total.

### 1.2- Processo de Planejamento Participativo.

É considerado ideal o planejamento que envolve as pessoas como sujeitos a partir de sua elaboração, e com presença constante na execução e avaliação, não apenas como indivíduo, mas sujeitos de um processo que os envolve como grupo. Visando o desenvolvimento individual e comunitário.

O diálogo-comunicação é elemento essencial no processo de intercâmbio de vivências, experiências, interações, diálogos entre os participantes.

Visa-se um planejamento centrado na pessoa, livre e crítica, sujeito do seu desenvolvimento, mas com decisões comunitárias: um processo grupal e participativo que considere as pessoas, com seus valores, sentimentos e situações de ordem sócio-econômico-político-cultural. Este modelo de planejamento obriga a um posicionamento ativo da participação dos envolvidos, uma consciência crítica da realidade, determinando uma ação coerente e eficaz, a fim de promover as mudanças e as transformações desejadas, com vistas a uma aproximação do ideal projetado.

É o planejamento do grupo-comunidade, vivenciando o processo de ação-reflexão-ação, através do método ver-julgar-agir.

### 1.3- Planejamento Participativo em uma Escola.

Escola é um segmento da sociedade, e com esta ou aquela esta comprometida na manutenção dos esquemas relacionais do mundo atual.

A transformação desta sociedade é o enfoque primeiro da educação libertadora. O planejamento participativo na escola não pode reduzir-se a integrar escola-família-comunidade, mas também visa a realização das pessoas e a transformação da comunidade, na qual a escola está inserida.

A tradição educativa se firmou numa estrutura eminentemente verticalista. Trata-se de uma nova maneira de decidir e de agir, a fim de tentar uma saída para a difícil situação em que se encontra a educação formal.

O planejamento, considerando-se a perspectiva de homem, assumida ao longo deste, encara o participante como sujeito da história respeitando-se a sua dignidade e sua liberdade.

Apesar dos riscos, tem-se a convicção de que a escola é um lugar possível de educação consciente, crítica, criativa e participativa, desde que seus integrantes acreditem em um processo político de educação, e que possam produzir mudanças nas relações interpessoais e sociais.

O planejamento participativo assumido como processo de crescimento pessoal e de transformação social talvez seja o único caminho viável para se conseguir a renovação das estruturas e das relações na educação formal.

#### BIBLIOGRAFIA

MENEGOLA, Maximiliano

SANT'ANA, Ilza Martins, Por que planejar? Como Planejar? 1991 Editora Vozes Ltda.

## ELABORAÇÃO DE QUESTÕES, MONTAGEM E PONDERAÇÃO

ATIVIDADE 1 - Leia atentamente o texto-base - Em seguida, leia novamente com atenção e tente dar um exemplo prático para cada questão.

### TEXTO-BASE

Neste estudo enfocaremos três aspectos da construção do instrumento: elaboração das questões, montagem e ponderação. O item ELABORAÇÃO DE QUESTÕES será apresentado seguindo o esquema:

1. Tipo de questões
2. Definição
3. Orientação para a instrução
4. Tempo estimado de resolução
5. Recomendações técnicas para elaboração
6. Exemplo prático

### ELABORAÇÃO DE QUESTÕES

1. TIPO - Multipla escolha

2. DEFINIÇÃO - Consiste em apresentar uma afirmação incompleta (caput), seguida de vários conceitos (alternativas ou opções) dos quais será escolhido o que melhor a complete, formando uma sentença no sentido verdadeiro.

3. ORIENTAÇÃO PARA A INSTRUÇÃO - Marque no gabarito, a opção (ou alternativa verdadeira). Quando a prova não possui gabarito, manda-se que se marque em parênteses a esquerda das opções ou que se faça um circula em redor da primeira letra da opção.

4. TEMPO ESTIMADO PARA RESOLUÇÃO - Quando o item não envolve cálculos, pesquisas em textos ou gráficos, 30 segundos para cada raciocínio.

### 5. RECOMENDAÇÕES TÉCNICAS PARA ELABORAÇÃO

- Não usar alternativa claramente errada
- As alternativas devem ser aproximadamente da mesma dimensão
- Todas as alternativas devem formar sentido com a frase inicial.
- Comece por formular uma pergunta e a sua resposta - Depois elabore o item transformando a pergunta em uma afirmação incompleta.
- Limite o item a um único assunto.
- Faça o enunciado de forma afirmativa
- Faça opções certas, deixando o máximo da palavras para o enunciado.
- Não use a opção "nenhuma das respostas acima." Simplesmente para completar o número de opções.

## 6. EXEMPLOS PRÁTICOS

O romance MAR MORTO é de autoria de.

- a) érico Veríssimo
- b) Graciliano Ramos
- c) Jorge Amado
- d) José Lins do Rego

1. TIPO - CORRESPONDÊNCIA, ASSOCIAÇÃO, EMPARELHAMENTO OU ACASALHAMENTO

2. DEFINIÇÃO - Consiste em apresentar duas colunas com conceitos, palavras, ou símbolos para que sejam associadas conforme a cor, relação pedida, uma das colunas possui números, a outra parêntese.

3. ORIENTAÇÃO PARA A INSTRUÇÃO - Numere a 1ª coluna de acordo com a 2ª (ou vice-versa), levando em conta.

.....Não se pode dar uma fórmula única, pois esta varia de acordo com o tipo de correspondência que se pede. Entretanto deve ser sempre bem clara.

4. TEMPO ESTIMADO PARA RESOLUÇÃO - 30 segundos para cada raciocínio.

### 5. RECOMENDAÇÕES TÉCNICAS PARA ELABORAÇÃO

- As linhas para respostas deverão ter a mesma dimensão.
- Cada grupo deve ser homogêneo: causas com efeitos, datas com fatos, livros com autores, etc.
- Coloque mais elementos numa coluna que na outra.
- Pode ser usado o caso em que o mesmo elemento possa ser escolhido várias vezes.
- Quando for o caso faça corresponder figuras com palavras.
- Não construa listas muito grandes.

### 6. EXEMPLO PRÁTICO

Numere a 2ª coluna de acordo com a 1ª, ligando os fatos as pessoas:

- |                                    |                      |
|------------------------------------|----------------------|
| 1. Campanha de Canudos             | ( ) Artur Bernades   |
| 2. Conferência de Haia             | ( ) Floriano Peixoto |
| 3. I Grande Guerra Mundial         | ( ) Prudente Moraes  |
| 4. Reforma de Constituição de 1891 | ( ) Rodrigues Alves  |
| 5. Revolta em São Paulo            | ( ) Venceslau Brás   |
| 6. Revolta da Armada               |                      |
| 7. Soluções de Questões do Amapá   |                      |
| 8. Vacinação obrigatória.          |                      |



1. TIPO - FALSO - VERDADEIRO

2. DEFINIÇÃO - Consiste na apresentação de afirmativas, para que sejam indicadas as falsas e as verdadeiras. Antes de cada afirmativa há um parêntese.

3. ORIENTAÇÃO PARA INSTRUÇÃO - Coloque F ou V conforme a afirmativa seja falsa ou verdadeira. Este tipo de questão pode ser completada, transformando-se em Falso-Verdadeiro com correção. Após a afirmativa coloca-se uma linha A e outra B. Na instrução deve-se dizer: Caso seja falsa coloque na linha A o que a torna falsa, e na linha B, o que a tornaria verdadeira. Evita-se assim o acerto por "chute."

4. TEMPO ESTIMADO PARA CADA RESOLUÇÃO - 30 segundos para cada raciocínio.

5. RECOMENDAÇÕES TÉCNICAS PARA ELABORAÇÃO

- Redija frases simples e certas em ordem direta
- Só empregue frases que sejam de fato falsas ou verdadeiras
- O elemento que torna falsa ou verdadeira a afirmativa deve ser representada para a verificação.
- Evite expressões ambíguas.
- Não use frases textuais. Apresente-as de forma original para evitar simples memorização.
- Limite cada item a um único assunto.
- Equilibre o número de falsas com o número de verdadeiras
- Não disponha em ordem matemática, isto é, a sequência de F ou V deve ser assistemática.
- Sempre que possível use a forma de Falso-Verdadeiro com correção.

6. EXEMPLO PRÁTICO

- ( ) A Índia fica no hemisfério Norte.

1. TIPO - ORDENAÇÃO

2. DEFINIÇÃO - Consiste em fazer um pedido, cuja solução é dada pela citação ordenada de conceitos ou nomes.

3. ORIENTAÇÃO PARA A INSTRUÇÃO - A instrução varia de acordo com o tipo de ordenação que se pretende. Pode ser ordenação cronológica, por importância, ordem de operações, em um processo, etc.

4. TEMPO ESTIMADO PARA RESOLUÇÃO - 30 segundos para cada raciocínio.

## 5. RECOMENDAÇÕES TÉCNICAS PARA ELABORAÇÃO

- Finalidade idêntica à anterior, modifica-se quanto à forma.
- Os elementos são apresentados e devem ser numerados conforme a sequência.
- A listagem deve ser concisa.
- Não coloque pistas para ordenação.
- Especifique claramente o tipo de ordenação que seja, a instrução deve ser pormenorizada.
- Apresente pelo menos três elementos para ordenar.
- Deixe bem claro os espaços colocação dos números.

## 6. EXEMPLO PRÁTICO

Numere por ordem crescente de importância, os seis seguintes produtos brasileiros, tendo em vista o volume de exportação.

- ( ) Amendoim
- ( ) Algodão em rama
- ( ) Cacau
- ( ) Café
- ( ) Carnaúba
- ( ) Fumo

### 1. TIPO - COMPLETAMENTE (ou Lacuna)

2. DEFINIÇÃO - Consiste em sentenças, com uma ou mais palavras omitidas, para que sejam preenchidas as claras (lacunas).

3. ORIENTAÇÃO PARA INSTRUÇÃO - Complete as lacunas de forma a que as afirmativas fiquem com o sentido completo.

4. TEMPO ESTIMADO PARA RESOLUÇÃO - 30 segundos por raciocínio

## 5. RECOMENDAÇÕES TÉCNICAS PARA ELABORAÇÃO

- Omitir apenas as palavras-chave de modo a não haver mais de uma interpretação.
- Não omitir adjetivos e advérbios
- Só omitir quando não prejudique a compreensão
- As lacunas devem ter a mesma dimensão
- As lacunas devem ser colocadas no meio e no fim da sentença e não no início.
- Não fazer a transcrição de sentenças da fonte de consulta.
- Uma parte do item não deve sugerir a resposta de outra.
- Construir com possibilidade de uma só resposta certa.
- Em problema numerico, indique claramente a unidade em que espera a resposta.
- Não ponha artigos ou outras indicadores da resposta.
- Para cada item não deve haver mais de três lacunas.

#### 6. EXEMPLO PRÁTICO

- O ácido encontrado no vinagre, chama-se\_\_\_\_\_
- O plural de ESTA QUESTÃOZINHA é DIFÍCIL é\_\_\_\_\_

#### 1. TIPO - IDENTIFICAÇÃO

2. DEFINIÇÃO - Consiste na apresentação de um gráfico, diagrama, esquema, desenho, mapa, etc., para que sejam identificados partes, locais ou aquilo que se quer pedir.

3. ORIENTAÇÃO PARA A INSTRUÇÃO - Escreva nos parênteses à esquerda dos conceitos ( partes, nomes, locais, etc.) os números que os identificam com as partes específicas de figura. Dê um traço quando houver identidade.

4. TEMPO ESTIMADO PARA RESOLUÇÃO - 30 segundos para cada raciocínio.

#### 5. RECOMENDAÇÕES TÉCNICAS PARA ELABORAÇÃO

- Fazer desenhos claros e em escala adequada.
- As linhas para respostas devem ter a mesma dimensão
- A questão admite duas variações.
- Dá-se a figura e pede-se os conceitos ao lado dos números.
- Dão-se os conceitos numerosos e pede-se que sejam colocados nas partes da figura.
- A coluna de conceitos deve conter duas idéias a mais do que as contidas na figura.

#### 6. EXEMPLO PRÁTICO

- Brasil\_\_\_\_\_
- Venezuela\_\_\_\_\_
- Colombia\_\_\_\_\_
- Equador\_\_\_\_\_
- Chile\_\_\_\_\_
- Uruguai\_\_\_\_\_
- Paraguai\_\_\_\_\_
- Peru\_\_\_\_\_

Os tipos de questões seguintes não possuem uma forma única de apresentação. Dependem essencialmente do tipo de conhecimento ou habilidade que se pretende verificar. Possuem entretanto todas uma exigência: que sejam claras para o aluno e não deixem dúvidas ou motivos para indagações ao aplicar. Aliás, um instrumento bem elaborado não deixa possibilidade ou que se façam perguntas, procedimentos que sempre atrapalha uma boa aplicação.

#### RECOMENDAÇÕES TÉCNICAS PARA ELABORAÇÃO

- Cada problema deve visar a apreciação de um só assunto.
- No anunciado do problema deve-se fazer menção especial ao que se quer e a unidade em que deverá ser dado o resultado.
- Exigir sempre a marcha da solução e os cálculos.
- Não ponderar apenas a resposta.
- Ponderar com um escore cada etapa do raciocínio.

#### IIPQ - PERGUNTA SIMPLES

##### RECOMENDAÇÕES TÉCNICAS PARA ELABORAÇÃO

- Pergunta direta, clara, com uma resposta simples e imediata.
- As linhas para as respostas devem ter a mesma dimensão.

#### IIPQ: LIVRE DISSERTAÇÃO

- Verifique a finalidade de sua prova.
- Observe se o que se quer é medir resultados mais complexos da aprendizagem.
- Prepare o esquema básico da prova.
- Empregue mais questões de respostas certas, em vez de uma só mais extensa.
- Dê a todos uma situação igual de prova. Evita mandar escolher uma pergunta em uma série
- Apresente a tarefa bem definida com um roteiro.
- Incorpore sempre os critérios básicos de julgamentos.
- Use linguagem clara e simples. Todos os alunos devem ter a mesma interpretação e perceber à mesma tarefa.

#### PONDERAÇÃO DE QUESTÕES

Ponderar é sempre uma operação que merece cuidados especiais por parte de elaborar de provas. O trabalho toma maiores dimensões quando pensamos que a nota será sempre o elemento apontador do resultado da avaliação. Uma ponderação mal distribuída pode retratar mal aquilo que realmente o aluno possui no seu domínio cognitivo.

Haverá sempre um princípio que deverá notar a ponderação das questões: análise das idéias e dos raciocínios computáveis em cada questão. O valor então da questão se mede pela quantidade de idéias computáveis, nela contidas. E cabe ao professor, que domina o conteúdo pedida na prova o quanto de idéias ele deseja que sejam demonstradas ou expressas.

A princípio, a cada respostas aos itens e sub-itens das questões objetivas equivalente a uma idéia ou um raciocínio simples computáveis. A dificuldade pode aparecer nas questões da dissertação e questões subjetivas. O professor entretanto, deverá exigir " a partir " o determinado número de raciocínio e idéias que deverão obrigatoriamente constar nas respostas. E por essa exigência fazer a sua ponderação.

Outro ponto bastante importante à levar em consideração será a habilidade mental a ser avaliada perante o conteúdo. Assim uma questão a exigir simples memorização não poderá ser ponderada com o mesmo valor das que exigem interpretação ou poder do Análise e síntese.

Por fim mais um ponto importante. A ponderação por escore em tudo é mais favorável à avaliação. Em primeiro lugar dispensa a limitação que os dez pontos tradicionais oferecem. A cada idéia ou raciocínio exigido pondera-se com um escore. Neste caso, a prova poderá ter exemplo 57 escores, como escore máximo. Com um simples uso de uma tabela após a correção, transforma-se os valores adquiridos pelo aluno em notas de 0 a 10.

#### MONTAGEM GERAL DA PROVA

Uma boa elaboração de questões pode às vezes ficar comprometida por uma má distribuição em toda prova. A questão é determinada pela instrução. Assim cada vez que se muda de instrução, muda-se também de questão. Cada questão possui os seus itens. Se fizéssemos uma prova só com itens de múltiplas escolha, a prova teria uma questão única: Assinale a alternativa correta, e cada caput com suas opções, se constituiria num item. Se quizessemos, entretanto, fazer uma prova mista, isto é, com diversos tipos de questão, ( e é aconselhável) devemos colocar todos os itens do mesmo tipo, deixo da mesma questão. A cada instrução diferente, corresponde uma mudança na estrutura de raciocínio do aluno. As questões objetivas devem ser colocadas em primeiro lugar e em seguida as de livre dissertação, problemas ou elaboração de gráficos e desenhos.

**ATIVIDADE 2** - Sem consulta ao texto, responda ao que se pede. Quando não souber a resposta, volte ao texto-base.

01. Conforme as características apresentadas nos quadros da esquerda, coloque no quadro da direita o tipo de questão correspondente.

1.	! Ideal para medir o conheci- ! mento de etapas de um pro- ! cesso.	!	!	!
2.	! Presta-se para verificar ! conhecimento sobre esque- ! ma e mapas.	!	!	!
3.	! Adequada para medir níveis ! mais altos do conhecimento ! como síntese e avaliação.	!	!	!
4.	! Deve-se apresentar o rotei- ! ro da resposta	!	!	!
5.	! Uma das colunas deve ser ! maior do que outra.	!	!	!
6.	! Possui duas modalidades: ! com correção e sem corre- ! ção.	!	!	!
7.	! Deve-se evitar transcrever ! o texto estudado.	!	!	!

**COMPLETE:**

1. Vantagens do uso do escore: -----  
-----  
-----  
-----

2. Na montagem geral como devem ficar distribuída as questões:

-----  
-----  
-----  
-----

3. AVALIAÇÃO - ATIVIDADE 3

NOME: -----

- OBS.: Esta folha deve ser entregue ao orientador.  
- Elabore uma prova para as seguintes exigências:  
1. Calculada para 40 minutos.  
2. Mais de um tipo de questão.  
3. Ponderação com escore.

REFERENCIA BIBLIOGRAFICA

VIANNA, Heraldo Marelim. Testes em educação, Rio de Janeiro, IBASA/FENAME, 1976.

## A Sala de Aula

A escola trabalha com o conhecimento de uma forma bastante específica e o espaço onde esse trabalho efetivamente acontece é a sala de aula.

Pensar a organização da sala de aula é pensar a relação de professores alunos com o conhecimento. A sala assumirá feições diferentes conforme essa relação for concebida: vai variar o uso do espaço e o tempo, a organização das atividades e do material, e mesmo o tipo de relações interpessoais.

A repetição mecânica de normas e procedimentos, através do tempo, faz com que tais práticas pareçam "naturais", "obrigatórias".

É importante ter na clareza do que se entende por conhecimento e aprendizagem para poder planejar bem as atividades de ensino, selecionando atividades e materiais adequados, rejeitando práticas incompatíveis com os objetivos.

Um exemplo de prática tradicional é o apego que certos professores demonstram à idéia do "silêncio". Mas o silêncio dos alunos o tempo todo e a qualquer custo revela uma visão de crianças como seres passivos, que devem ficar o tempo todo escutando, escutando...

O professor que conhece a importância da interação no processo de conhecimento garante ocasiões para troca de informações, idéias e opiniões. Os conhecimentos e as experiências de cada um serão contribuições para o crescimento dos outros, de todos.

Na sala de aula é função do educador prever formas e momentos específicos de interação, de acordo com os objetivos que pretende atingir.

Qualquer que seja a forma adotada para distribuir as atividades ao longo do dia, é interessante que o planejamento contemple momentos de participação coletiva de toda a classe, momentos em que cada um trabalha por si só, e em que os alunos interagem mais intensamente, trabalhando em grupos.

Momentos coletivos com a classe são importantes em várias situações, como por exemplo no planejamento das atividades, na introdução de um assunto novo, na sistematização dos conteúdos trabalhados, na avaliação das atividades desenvolvidas.

Ao proporcionar esses momentos, é preciso considerar a faixa etária dos alunos. Crianças pequenas não conseguem se manterem atentas por longos períodos. Assim é mais fácil variar as atividades e repetir uma mesma informação em diferentes situações, de diversas formas do que tentar esgotá-la de uma única vez.



O contato pessoal dá ao professor a oportunidade de conhecer melhor cada aluno, seu momento de desenvolvimento, suas dificuldades e dúvidas. Esse conhecimento é de fundamental importância para alimentar decisões nos futuros planejamentos.

Para alunos que não estejam acompanhando o trabalho da classe é mais proveitoso dedicar dois a três minutos de atenção a sua necessidade específica do que passar horas tentando entender o que está ocorrendo ali na classe, sem conseguir avançar.

É importante que cada educador, de acordo com sua experiência, com o projeto da escola em que está inserido com as especificidades de seu grupo-classe, encontre os caminhos possíveis e mais adequados para desenvolver um trabalho em que o objetivo seja o compromisso com todos os alunos, para que permaneçam na escola, aprendam e progredam em seu percurso de conhecer de conhecer o mundo.

#### BIBLIOGRAFIA

Raízes e Asas - A Sala de Aula nº 07

## RECURSOS PARA A ATIVIDADE DOCENTE

### Acompanhando os alunos

O acompanhamento do trabalho do aluno é muito importante para orientar e prevenir possíveis erros de raciocínio. É sempre bom o professor circular pela classe, observando as crianças enquanto elas trabalham. Acompanhando o que elas estão fazendo, observando como estão pensando e as dificuldades que elas encontram. Desta maneira o professor pode detectar erros de raciocínio em tempo de corrigi-lo e, assim, evitar fixação de algum raciocínio errado.

Sempre há aqueles alunos que sentem mais dificuldade na aprendizagem e são justamente eles que não deve ser abandonados, pois necessitam de mais atenção e ajuda que os demais.

Os exercícios devem ser graduados. Sempre deve-se dar um mais difícil e um mais fácil. As crianças mais capazes resolvem os mais difíceis, enquanto as crianças menos capazes resolvem os mais fáceis. Assim assim participam das atividades.

Os alunos mais rápidos devem ter mais atividades para realizarem logo após a resolução dos exercícios. Outra solução é pedir aos mais rápidos que ensinem a seus colegas.

Os elogios e as recompensas devem ser sempre individuais. Não devemos nunca reforçar uma tarefa que está além da realização do aluno. Elogiar sempre os acertos dos alunos, pois isso funciona como reforço positivo para novas aprendizagens.

O professor deve sempre lembrar-se de elogiar os alunos que estiverem demonstrando interesse e desempenho nos trabalhos escolares.

É sempre importante não esquecer que os elogios e as recompensas são melhores motivadores do que as críticas e punições. Evidentemente, o aluno quando motivado, aprende melhor e mais rapidamente.

### PLANEJANDO AS ATIVIDADES DE CLASSE

Ao planejar as suas atividades de classe, o professor pode levar em consideração os seguintes aspectos importantes:

- Fazer uma listagem da atividade do dia e dos materiais que serão utilizados para a atividade;
- Calcular o tempo para cada atividade;
- Prever oportunidades onde todos os alunos possam participar;

- Dar conteúdo novos sempre no início da aula;
- Ser flexível: quando for preciso, é bom adaptar o plano feito e deixar que determinada atividade que está sendo interessante dure um pouco mais;
- Combinar a rotina de trabalho com a classe. Assim a criança ficará sabendo a organização dos trabalhos e sentirá mais segurança.
- Ao explicar as atividades, levar em conta o nível de desenvolvimento dos alunos. Se a atividade for mais difícil, as crianças não conseguirão realizar e, ao contrário, se for muito difícil, logo ficarão desinteressados;
- Todo conteúdo deve ser dado sem pressa. Não dar um novo conteúdo antes de os alunos terem dominado o conteúdo anterior;
- Dar tempo suficiente para as crianças treinarem e executarem os conteúdos novos, até a sua total assimilação. Depois, avaliar o que foi aprendido.
- Estimular a participação de todos os alunos. Prever sempre as atividades que exigem diálogo, discussão, comunicação, crítica e troca de idéias.
- Procurar sempre insentivar e apoiar a ajuda e a participação dos seus alunos. A criança ao colaborar, senti-se responsável pelo material da classe.

#### COMO CORRIGIR OS TRABALHOS DOS ALUNOS

As crianças, quando estão aprendendo, costumam errar muito, mas esses erros podem ser aproveitados pelo professor. Tem erro que pode ser útil, desde que o professor faça o aluno perceber que está errado. Se ele entender por que errou, poderá evitar mais tarde o mesmo erro.

Observe, a seguir, alguns cuidados na correção dos trabalhos dos alunos:

\_Nunca sublinhe os erros. Pedir para a criança apagar o que fez e escrever o certo, deixando assim o caderno correto. Se isto não for feito, o erro ficará mais destacado e o aluno acabará memorizando-o.

-Não fazer anotações que estraguem o caderno dos alunos. Mostrar os erros para o aluno e explicar. Assim, ele entenderá o que deveria ter feito.

\_Verificar o processo. Não se limite ao resultado final. Pedir para a criança explicar por que respondeu daquela maneira. Muitas vezes as crianças respondem de forma diferente daquela que o professor espera, mas a resposta, neste pode ser considerada certa.

\_Quando o aluno acertar o que ele fez colocar um pequeno "c" ao lado. Não se deve riscar por cima do trabalho do aluno. Se ele errou, peça para apagar e ensine a fazer o certo, como já foi explicado anteriormente. A criança sentirá satisfação se o professor, a seguir, colocar um "c" no exercício já corrigido.

- Os alunos podem fazer a correção dos seus próprios exercícios. O professor colocará a resposta no quadro de escrever e pedirá para os alunos corrigirem nos cadernos. A autocorreção é um ótimo exercício de aprendizagem. Mesmo que os alunos façam uma correção, é bom não deixar de olhar os cadernos, corrigindo-os. Isso dar muito trabalho, considerando-se o pouco tempo do professor. Estas tarefas são específicas dos professores que trabalham com as séries iniciais do 1º grau.

- É preciso sempre comentar na sala de aula os trabalhos que as crianças fazem em casa, já que só assim, eles vão ficar sabendo o que acertarem. É também uma forma de incentivar o aluno a continuar fazendo as tarefas de casa.

ROTEIRO DA SEMANA DE CIÊNCIAS E PORTUGUÊS

## SEMANA DE CIÊNCIAS

### PROGRAMAÇÃO

Segunda-feira	Abertura - Palestra . Tema: Higiene Pessoal
Terça-feira	Iniciar a confecção do album de ciências . Plantas . Animais . Corpo humano
Quarta-feira	Sessão de vídeo . Confecção de um cartaz coletivo a li- vre escolha
Quinta-feira	Realizar experiências, cada professor com sua turma
Sexta-feira	Encerramento .Exposição dos trabalhos para os pais e membros da comunidade

Encerramento co

## Roteiro da Semana de Português

### Objetivos:

As atividades foram preparadas visando auxiliar o desenvolvimento da expressão escrita dos alunos.

As atividades estão graduadas obedecendo a seguinte sequência:

\_ Desinibição, estímulo e ampliação do vocabulário, com as atividades de associações livres e fluência verbal;

- \_ Formação de frases e períodos;
- \_ Redação propriamente dita.

### Atividades da 1ª e 2ª séries

- \_ Ordenação de sílabas para formar palavras;
- \_ Auto ditado (de palavras);
- \_ Complementação de frases usando palavras soltas;
- \_ Exploração de frases com palavras e desenhos;
- \_ Exploração de frases com possibilidades de ampliação;
- \_ Continuação de textos, e em seguida fazer ilustrações;
- \_ Leitura do texto "Bolhas de Sabão", para fazer a interpretação;
- \_ Leitura do texto "Um dia diferente", para fazer a interpretação.

### Atividades da 3ª e 4ª séries

- \_ Composição de frases a partir de gravuras;
- \_ Complementação de história em lógica de forma oral e escrita;
- \_ Complementação de uma história, para em seguida dar um título e fazer um desenho livre;
- \_ Observação de gravuras para formar frases com os grupos de palavras;
- \_ Leitura do texto "Marlice", para fazer a interpretação, indentificando os pronomes claramente expressos no texto;
- \_ Fazer a leitura de um livro escolhido pelo grupo para responderem a ficha de apreciação.